



1290002550

LILIAN HITOMI ASANO



FE

TCC/UNICAMP As13t

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

13/07/2005

TATEIOS VYGOTSKYANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

JULHO - 2005

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

LILIAN HITOMI ASANO

TATEIOS VYGOTSKYANOS

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
apresentado como exigência parcial para o
Curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação da Unicamp, sob orientação do
Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado.

CAMPINAS – SÃO PAULO

JULHO - 2005

Orientador: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Segunda Leitora: Carla Helena Fernandes

AGRADECIMENTOS

A meu pai, cuja memória está sempre viva em mim e que ensinou a maior lição desta vida: a dor da saudade...

A minha mãe, para quem palavras não encontrei por inexistir no dicionário da vida um que lhe fizesse jus, que expressasse toda a minha gratidão e reconhecimento...

A minha filha Leticia, que me impulsiona a seguir sempre em frente, acreditando que tudo vale a pena quando é feito por amor.

A minhas irmãs Suemi, Yurika, Yuki, "Tiako", que muito me ajudaram neste caminho de idas e vindas a Campinas. Um especial a Kazue, que está lá no Japão, e que ajudou muito, aproveitando para avisar que já é hora de voltar para casa.

A meu querido irmão Mitsuo, de quem busco o exemplo nas dificuldades desta vida e que me ajuda a superar os momentos difíceis.

Aos demais irmãos Yoshinori, Noriyuki, Yoshumitsu, meu agradecimento sincero.

A minhas queridas sobrinhas Priscilla, Patrícia e Vivian , deixo expressa minha admiração e meu orgulho em tê-las presentes em minha vida.

A minhas amigas de trabalho "árido", mas gratificante pela nossa amizade, Macilene, Maria Clara, Regina Célia, Edilaine, Angélica, Rosana B., Denise, Daniela, Maria José (a Mari), Eniandra, Adriana, Angela, Rosana, Nilcimar, Eliane , Mitie , que acompanharam meu crescimento e também o meu sofrimento nesta tarefa nada fácil de registrar o conhecimento .

A meus amigos do Centro Educacional SESI – 125.

A minha turma do Magistério e do Curso Científico na Escola Leonor Fernandes da Silva .

A meus alunos de todos os anos, inclusive aqueles que continuam comigo desde a primeira série, que muito me ensinaram e colaboraram para chegar nesta etapa.

A esta escola tão querida que tão bem me recebeu, desde que iniciei na Rede Municipal, o CEMUS I e a seus funcionários: Adriana, Nádia, Camila, Abelin (Belinha) , Rosana, Lucila, Natália, Raquel, seu Clau, Norma, Marceli e Elza.

A minha diretora pessoa muito hum“Anna” que tanto admiro seja como pessoa, mãe e gestora, e que pude ver crescer nestes anos, desde a época em que já era uma professora competente, mas que mantém a mesma vivacidade e brilho dos olhos de uma criança maravilhada com a beleza das coisas simples da vida.

A minhas amigas de curso, de quem já estou com saudades Maria Regina, Cristiane, Luzia Christina, Adriana.

A Edmara, que tive o prazer de conhecer, mas que foi para outra cidade bem longe e por isso nos abandonou...

As amigas de percurso, de Salto a Campinas e Campinas a Salto, um agradecimento especial, pelo apoio e por estarem sempre presentes nestes anos: Regina Célia, Mari, Maria Clara, Cecília, Bárbara, Luciana, Hamilton, Fábio, Arlindo, Ivan, Dirceu, Cunha, Carlinhos, Toninho...

Ao pessoal que trabalha na UNICAMP sejam eles seu Ivo, dona Ana, seu Hélio, a Fernanda, a Josi, a Lavínia, seu Luís, a Alice, entre muitos outros que tanto nos acolheram e nos fizeram sentir em casa. Um especial a Luciane, da coordenação.

Aos meus professores, que fizeram valer a pena cada dia nesta Faculdade de Educação, onde este aprendizado fez muita diferença!

A Ana Luiza B. Smolka, que me incentivou e acreditou no meu trabalho... Saiba que sem você, este trabalho não aconteceria, obrigado por me fazer encontrar na sua admiração em Vygotsky o principal ponto de referência, o norte de meu trabalho não só de conclusão de curso, mas na minha como professora.

A você, meu orientador, professor e ser humano tão especial que tive o prazer de conhecer neste curso, meu mais sincero OBRIGADO! Que você seja sempre

assim, sincero, altruísta, e muito querido por aqueles que tem o prazer de conviver com você.

A você Carla, deixo claro que meu trabalho é o que é, pela sua intervenção, pela sua meiguice nas orientações e correções feitas com aquele tato tão presente, o que fez acreditar na minha capacidade de terminar o TCC, obrigada.

A Maria Clara, muito obrigada por você ser a minha amiga tanto no trabalho, amiga muito presente na minha vida, como na Faculdade de Educação nestes anos de curso, bem como na escrita deste memorial, ouvindo meus desabafos, minhas reflexões, me auxiliando com seu jeito calmo e organizado de ser, sobretudo, uma pessoa tão profissional e ao mesmo tempo tão “mãezona” de ser.

A todos os professores e professoras com quem tive a alegria de partilhar experiências de vida e sala de aula nestes anos de magistério tanto na rede estadual como na municipal. Enfim...

A todos que acreditam que o ser humano está sempre em constante construção. Onde o estudo é muito mais abrangente do que aparenta ser. E é o que faz cada dia do ser professor, valer a pena...

SUMÁRIO

1. Apresentação	1
1.1 Como cheguei a escrever o que você, leitor, vai ler	3
2. Antes de ser professora e a caminho da profissão...	10
3. Na profissão, minha sala de aula...	14
3.1 Tratando das relações entre Letramento e Alfabetização	33
4. Eu, mãe ausente e professora	40
5. Outras reflexões da profissão professor	49
6. O que eu aprendo desta minha escrita?	64
7. Bibliografia	68

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo fazer um relato sob a forma de memorial, falando do meu crescimento e da minha trajetória como professora, aluna nesta conceituada Faculdade de Educação, num curso que buscou com muito sucesso, atender à demanda e à Lei de Diretrizes e Bases, a partir do momento em que conheci os conceitos de zona de desenvolvimento proximal, de Vygotsky, e outras teorias conhecidas no curso de Pedagogia e pude confrontar a teoria à prática pedagógica na sala de aula.

Faço um relato da minha vida profissional, antes do meu ingresso na Faculdade, mas já atuando como professora. Depois, relato o conflito da mãe professora, que é obrigada a ausentar-se, para fazer uma terceira jornada, a da Formação Continuada através do PEFOPEX, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício, onde faço uma relação de meu aprendizado e como mãe de aluna, falo das mudanças que esse estar do outro lado proporciona na minha sala de aula: que mudanças ocorrem quando não mais professora, sou a mãe de aluna.

Busco uma reflexão onde os pontos principais são minha ancoragem em Vygotsky, nas outras teorias que o meio acadêmico vem proporcionar, na autonomia, na valorização que passei a reivindicar para minha classe profissional, buscando relacionar a prática à teoria e relacionando ambos a meu crescimento como professora e o papel da intervenção pedagógica em sala de aula.

1. Apresentação

Este Trabalho de Conclusão de Curso sob a forma de um memorial tem como objetivo apontar as mudanças ocorridas na minha atuação pedagógica em sala de aula, proporcionadas pela minha formação acadêmica nestes quatro anos de Curso, onde a minha prática, como professora atuante no ensino fundamental de primeira a quarta série e as experiências adquiridas através desta vivência escolar confrontaram com as teorias, com as reflexões, e o meu encontro com a teoria Vygotskyana, resultando num maior aprimoramento, resultado que só o conhecimento adquirido e experimentado pode fornecer.

Ao escrever, deixo relatada a minha transformação como pessoa, professora e mãe, neste trajeto ora solitário, ora coletivo, que me fez ser mais crítica, consciente de meu papel na sociedade, tanto como cidadã, como educadora, que não podia mais ser alienada, ignorando uma postura política, que o medo de errar, falar do “senso comum” provocava e emudecia.

Sou professora desde 1989, quando recém saída do Curso de magistério, havia muitas vagas, e o mercado era promissor. Mesmo antes da conclusão do Curso a procura por professores era muita, o que não ocorre nos dias de hoje, onde o mercado de trabalho está saturado.

Hoje sou efetiva da Rede Municipal de Ensino da cidade de Salto, na qual ingressei através de Concurso Público, no ano de 2003. Tenho uma bagagem de experiência na Rede Estadual de Ensino, onde atuei por vários anos e me tornei à professora que sou hoje, para aplicar e aperfeiçoar a cada ano letivo a prática diária.

Quero dividir com você leitor, essa riqueza no meu trajeto, perpassar os muros da Faculdade de Educação, chegando na minha distante cidade, Salto, onde moro, onde sou professora e onde tudo acontece na minha sala de aula, com as crianças, dentro de um ambiente escolar, chamado Escola. Você conhece este Universo?

Como já relatei anteriormente, trabalhei na escola estadual, ou melhor, nas escolas, pois dificilmente um professor que não seja efetivo continua muito tempo na

mesma escola. Ele é como um retirante, um viajante, mas confesso que isso só me trouxe alegrias, pois as pessoas são muitas nestas pontes que fazemos para chegar aos alunos. Só anos depois é que este meu trajeto mudou de percurso: do âmbito estadual para o âmbito municipal.

1.1 Como cheguei a escrever o que você, leitor, vai ler

Ao fim do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício, PEFOPEX, com a exigência do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, optei fazê-lo em forma de um memorial, escrevendo sobre as mudanças na minha prática diária, o diferencial hoje através de toda a experiência adquirida nestes quatro anos de curso.

Já havia feito um memorial com este mesmo professor, como forma de avaliação no 1º semestre de nosso Curso. Naquele momento, confesso, foi difícil soltar as amarras para falar de mim e de minha prática como professora. Não havia um conhecimento teórico que me embasasse, tampouco tínhamos uma relação tão rica como agora. Era um medo de errar, pois tanto se falava “em vir a ser”, “fugir do senso comum” e outros termos que não usávamos no dia-a-dia.

A diferença deste e daquele primeiro memorial é a ausência do medo de escrever e do medo de errar, que antes me tornava tão vulnerável porque me achava “leiga” nos assuntos referentes à Educação; e também porque hoje minhas experiências são mais ricas em elementos que reconheço como fruto de minha vivência e prática de educadora. Aquele medo de errar, não só perante o professor, mas perante as ainda colegas de curso.

Durante o curso parecia que estava numa arena de luta, mas a luta maior se tratava dentro de mim, suava frio, chegava a gaguejar, coisa que não faria se estivesse numa sala de aula.

Lembro-me do primeiro seminário, apresentado para a professora dr^a Elisabeth Pereira, da disciplina Currículo, na finalização da mesma, onde tratamos de Comenius.

Naquele momento, ainda estávamos “cruas” em conhecimento, o pouco que eu sabia era o que havia visto lá no curso de magistério, em 1985, e que nem é usado nos dias de hoje. Cada componente do grupo leu só a parte de nosso seminário.

Mais tarde, lendo com mais tempo, “debruçando-me sobre a leitura”, como se costumava dizer, quando a leitura era feita do início ao fim, e já inteirada sobre o conhecimento de Vygotsky, (1896-1934), percebi uma estreita relação entre Comenius e este autor que será tratado neste memorial, o que a citação abaixo objetiva apresentar:

Quando digo misturar não me refiro ao lugar, mas muito mais à ajuda recíproca, de tal modo que, ao notar um menino de grande engenho, o preceptor lhe confie dois ou três mais lerdos para que os instrua; ou ao notar um de boa índole, lhe confie outros de índole dócil, para que deles cuide e os instrua. De tal modo se proverá perfeitamente a todos, sob a supervisão do preceptor, para que tudo ocorra de modo racional. Mas chegou o momento de entrar no mérito do assunto. (Didática Magna, p.122)

O curso todo foi maravilhoso, e Beth foi uma das melhores professoras que tive o prazer de conhecer. Infelizmente, com ela só tivemos aquela disciplina. O nervosismo durante a apresentação do seminário foi marcante, apesar de sua intervenção para nos deixar tranquilas, através de seu sorriso, sua maneira empática de nos acalmar, demonstrando que estava adorando tudo, nos ajudava a ir em frente. Confesso, nunca gaguejei tanto nem minhas mãos tremeram tanto. Coloquei-me no lugar de meus alunos, não é tão fácil mesmo...

Em um memorial é necessário falar da própria vida, do que somos, do que fazíamos, fazemos, e deixo claro sobre o que continuarei buscando fazer. Pois é uma busca constante de aprendizado, um exercício completo de fazer, refazer e ainda achar que não chegou ao produto. Tanto que quando encerrar essa escrita, aparecerão novas idéias que ficarão para uma nova reflexão de minha prática.

“Penso, logo existo”. (Kant)

Na nossa sala de aula, na Faculdade de Educação, ocorria uma interação entre professoras, que trabalhando em períodos e lugares diversos, imersas nos seus específicos projetos pedagógicos, não emudeciam, queriam expor suas experiências, conhecer o outro melhor, fazendo o que, segundo Vasconcelos, (200,p.13) quem viveu boa parte de sua vida em uma escola como

professor/professora, por certo se lembra de como aprendeu e ensinou na troca com seus companheiros/companheiras e de como a prática pedagógica diária constitui um importante espaço de sua formação. Nesse espaço os professores partilham materiais, informações sobre os alunos, comentários sobre os trabalhos desenvolvidos. Criam alternativas, tornam-se produtores/autores. Repartem também dúvidas, dificuldades, impasses e saberes gerados no dia-a-dia da prática escolar, no confronto entre as expectativas e os resultados. Discutem iniciativas realizadas por certas escolas e professores que, imbuídos do desejo de dar novo rumo à história pedagógica de sua turma, rompem com prognósticos estabelecidos e reverterem as situações inicialmente configuradas.

Tudo isso nos corredores, nas cantinas, e até mesmo durante as aulas na Faculdade de Educação essas tocas ferviam quando, durante uma aula, em um seminário, um tema puxava um assunto do qual todas tínhamos o que colocar... Era um verdadeiro alvoroço. Muitos HTPCs (horas de trabalho pedagógico coletivo) deixaram muito a desejar se comparados com o nosso crescimento nestes ricos momentos de trocas.

Não nascemos professoras, nos fazemos professoras a cada ano letivo, a cada nova turma, a cada experiência adquirida, são fios que se tecem sozinhos, numa urdidura tão compacta e cheia de tramas que quando nos damos conta, somos professoras e não conseguimos mais viver sem estar entre esta ponte que é o conhecimento e o aluno.

Até então a prática não se aliava de fato à teoria, apesar de ter experiência em sala de aula, tinha uma grande necessidade de cursar uma Faculdade. Tentei durante três anos, mas quando não consegui pelo Curso de Pedagogia, decidi que, se houvesse uma oportunidade numa versão específica para professoras como eu, teria de passar, ou mudaria de profissão... Anos depois, surgia esta oportunidade.

Apesar de nesta época a maternidade tornar-se uma realidade de difícil responsabilidade, pois sozinha, contando apenas com o auxílio de meus pais e irmãs, quão feliz coincidência foi me ver tendo que dividir as atuações de mãe, professora e estudante de graduação na melhor faculdade pública do país.

Nesta afirmação, onde eu, a professora, passo a ser também, agora mãe e professora, e também estudante da Faculdade de Graduação na Unicamp, faço uma colocação de um trecho do livro que me foi indicado para enriquecer este memorial e que muito me agradou pelo fato de me ver naquela realidade e que traz um vínculo muito forte entre essas três identidades que agora caminham comigo:

(...) os professores/professoras não são só do magistério. São pessoas concretas e plurais que se fazem historicamente a partir dos contextos sociais onde vivem seu cotidiano. É aí, na casa, no trabalho, na sala de aula, na igreja que elas vivenciam sua relação com a estrutura mais ampla. Sua identidade vai se forjando assim, com múltiplos fios - relações familiares, de classes, condições de gênero, características relativas à idade, etnia, religiosidade, cidadania e outros -, cada um deles colabora para tecer, numa trama complexa, as vidas de professores/professoras. Penetrá-las, compreendê-las requer sensibilidade. (Vasconcelos, 2000, p.12).

O ser mãe-professora muito colaborou nesta minha jornada não só na atuação de professora, mas como mãe, passei a ver o outro lado das relações, como procede a atitude nas diversas situações que os meus alunos vivenciam até com seus irmãos menores, quando a mãe deixa de levá-los à escola para atender um irmãozinho doente, que precisa de vacinação. Passei a repensar diversas atitudes que agora eram parte de meu universo pessoal. Acúmulo de cargos, pois de repente, até o papel de pai assumi repentinamente, quando me vi sozinha, devido ao retorno de meu companheiro ao Japão.

Retomo Vasconcelos (2000), quando coloca que ao passar a entender o professor/professora como sujeito, portador de uma identidade forjada em múltiplas e diversas redes, torna possíveis outras reflexões, e convida-nos a entender cada escola, cada sala de aula com uma polissemia própria, derivada da trama plural e heterogênea que se tece em seu cotidiano, porque vejo que minha história - de mulher e mãe também construía e constrói a história de ser professora.

Orgulho foi pouco para a expressão de alegria que tomou conta de nossa turma. Fomos quarenta e cinco professoras abençoadas, ainda não sabemos que critério foi o escolhido para tal merecimento. Brincávamos, inclusive, que os

professores analisaram nossas provas e escolheram as piores para melhorar e aperfeiçoar no que pudessem...Com pena de nossos alunos.

Quando surge uma oportunidade dessas, não há o que pensar é agradecer e ir embora, seguir o rumo.

Lembro-me como se fosse hoje, estava lecionando em Itupeva, quando um telefonema de minha irmã me dava os parabéns por ter conseguido passar no vestibular para o PEFOPX, desde este instante, marquei um tremendo gol de vitória para minha vida toda. Tantas mudanças de lá para cá, me emocionam muito. Valeu a pena cada sacrifício, cada viagem feita para aquela cidade tão distante, que me fazia acordar às 4 horas da manhã, e estar em Itu às 5:30 h para pegar um ônibus de linha para São Paulo e descer na cidade de Itupeva, onde havia assumido uma sala como ACT (admitido em caráter temporário), porque não havia sobrado nenhuma sala de aula na cidade onde moro, Salto, nem nas vizinhas cidades de Itu ou Porto Feliz. Havia apenas algumas salas em Itupeva, era pegar ou largar, pois uma das condições para ingressar e continuar no PEFOPX, caso passasse, era estar atuando na sala de aula, então não poderia largar a sala também.

Vasconcelos, quando trata da formação do professor, o faz deste modo:

(...) Muitos outros fios se tecem na formação do professor/professora. O contexto acadêmico é um deles. Vivenciado em instituições de ensino médio e superior, o contexto acadêmico de formação possui um significado legal, mesmo não sendo parte da vida de inúmeros professores/professoras leigos que atuam hoje no ensino fundamental.(2000, p.13)

As oportunidades infelizmente são para poucos, lembro-me que no dia da prova para o PEFOPX, eram muitas as professoras da rede estadual e da rede municipal que foram fazer a prova. E qual nosso susto maior, quando ali no Ciclo Básico, na Unicamp, num total, quase 900 candidatos estavam disputando as apenas 45 vagas oferecidas e ali existentes. Na sala de aula percebia a extensão da responsabilidade caso quiséssemos voltar ali como estudantes. Após a prova, muita dor de cabeça, devia ser do nervosismo, de tantas questões que nos fizeram pensar

muito, vasculhar conceitos que não estavam muito frescos na nossa cabeça. Fora isso, ninguém quis discutir os conteúdos das provas feitas, era um silêncio mútuo durante a volta para nossa cidade, Salto.

Com esta oportunidade de cursar o PEFOPLEX, aos poucos fui aprimorando meus conhecimentos em muitos aspectos, pois a formação acadêmica vai preenchendo muitas lacunas e organizando outras através do currículo que nos privilegiou. Por isso é que quando reporto-me à professora que fui e à professora que sou, sinto com alívio que distância parece ter uma da outra. As mudanças determinadas pela minha formação acadêmica, que, por conseguinte, transformaram minha prática aliando a teoria e as experiências que muito me ajudaram a melhorar, são frutos de uma luta que palavras não são suficientes para demonstrar o alívio de vir a ser realmente o educador, - porque palavras não são fiéis à emoção -, aquele que se dedica a sua formação para conscientemente formar novos cidadãos, mais críticos, mais desenvolvidos na capacidade de ir cada vez mais em frente.

Chegar a um curso superior não é fácil, visto que toda minha formação secundária foi nas salas de ensino público, e hoje quero todo mundo na mesma luta justa para perseguir este mesmo sonho que conquistei: a formação sólida, que dê condições para meus educandos chegarem numa Universidade Pública, que é um direito de todos através de um ensino de qualidade. Sou uma formiguinha, mas sei o valor que tem o Ensino Fundamental nesse início de escolarização. Pois todos os professores são responsáveis, desde a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio nesta formação.

Na Universidade, porém, o universo que mais me encantou, confesso, foi a Biblioteca... Um verdadeiro paraíso para quem, como eu, que gosta de ler e devora os livros com a mesma voracidade que um pedinte alcança uma suntuosa estadia e nela se apraz de um banquete.

Nunca fui uma professora “comportada”, que ficasse quieta e se conformasse com a situação; sempre fui de correr atrás das soluções para melhorar minha maneira de tornar as aulas agradáveis, sem ter aquele desconforto causado pela ausência de materiais, tanto de alunos, como para o professor, e também no sentido de baixo salário, o que minimizava, dobrando jornada, prática comum a outros

professores. Ter uma renda razoável, sempre me agradou pelo fato de saber que poderia comprar mais um livro para aumentar meu acervo pessoal, apesar de muitas colegas acharem que isso era obrigação da escola: dar livros para leitura, mesmo os paradidáticos. Sabemos que essa prática está cada vez mais difícil. Ainda mais porque eu tenho a necessidade de levar o livro comigo, ler com calma e a partir daí, consultá-lo sempre que as necessidades surgirem. Tal qual aquele livro de cabeceira, muitos outros livros foram lidos, pois sempre que lia algum, vinha-me logo um trecho ou citação que poderia servir de exemplo ou alegoria para determinada situação. A contracapa sempre trazia uma indicação de um novo livro, aumentando assim a lista de livros para ler. Assim também idealizo, e são, muitos de meus alunos - expressam sua alegria no ato de ler, ler por prazer e nunca por imposição. Por isso muito me incomoda um aluno que não sabe ler, pois não vê a beleza deste universo tão rico em histórias, aprendizados mútuos e verdadeiros saltos para lugares tão encantadores que nos fazem desejar ler e ler cada vez mais...

Este percurso rico, de idas e vindas à biblioteca, reforçou minha amizade com algumas amigas deste curso, pois pude trocar idéias, fazer aproximações e trocar leituras e a partir daí, fazer diálogos mais ricos em conhecimentos do que anteriormente. Sentia uma proteção, uma certeza das coisas vividas que antes não era capaz de sentir. Era a teoria que se aproximava da prática, tornando-a palpável, quase real.

Enquanto isso ia comprando livros referentes à bibliografia dos professores nas suas ementas. Melhoraria de um acervo que fica, porque os livros ficam, os anos de faculdade deixarão saudades..., marcando uma época.

E assim estou melhorando cada dia mais minha construção de ser professora.

2. Antes de ser professora e a caminho da profissão...

Minha escola primária foi o Centro Educacional Sesi 125. Fica na rua marechal Rondon, 107 na cidade de Salto. Escrevia mecanicamente este cabeçalho por oito anos seguidos. É a escola da minha saudade. Foi lá que conheci a minha primeira professora, aprendi a ler, fiz amizades que se estendem até hoje.

Meus pais eram humildes, lembro-me do sacrifício de meu pai em manter os filhos na escola e levar em frente a lavoura. Minha mãe, quando não tínhamos lanche, fazia seus sanduíches de açúcar, que eu adorava. Quando criança, tudo é festa! Hoje percebo quanto sacrifício eles fizeram por nós. Naquela época, meu pai arrendava um sítio e era um pequeno agricultor. Seus troféus ainda hoje estão em nossa casa. Plantava de tudo de acordo com a época de plantio. Na escola era festa quando ele levava tomate para incrementar o molho da polenta, verduras para pôr na sopa de fubá, juntamente com a carne seca – e, sem saber levava nossa realidade para o espaço escolar. A merenda era uma delícia, nem tem comparação com a merenda terceirizada de hoje, que vêm da Nutriplus. Nossa cozinheira, dona Shirley, cozinhou com um carinho e dedicação muito latentes, da janelinha da cozinha, dava para vê-la cortando os legumes, preparando a sopa e aquele cheirinho de comida pronta... A hora do recreio era como se a família se reunisse para um verdadeiro banquete. Nós comíamos e conversávamos juntos. Naquele tempo, a escola era muito boa. Nós que morávamos no sítio e vínhamos à cidade ficávamos encantados com tudo. Às vezes parecíamos caipiras mesmo. Além de caipiras, descendentes de japoneses. Quando não gostavam da gente, era logo motivo para gozação. Sofremos preconceitos sim, mas os professores e funcionários da escola gostavam muito da gente e intervinham sempre que possível. Fora alguns incidentes, aquela foi à época, mais feliz da minha vida de criança.

Não escapei de reguadas, puxões de orelha, mas me lembro com muita saudade da minha professora da primeira série. Com ela aprendi a ler, escrever. A letra na lousa, o escrever reto como se tivesse uma linha invisível na lousa. Mas o método era o mais tradicional possível, isso não dá para esquecer. As folhas de caderno repletas de ba be bi bo bu, as lições posteriores, a cartilha que o Sesi nos

dava, os livros de leitura, a alegria de escrever no caderno novo. As aulas de leitura, as chamadas orais, não tinha como fugir. E o respeito pela diretora, professores, tinha que ter, senão o pai ia à escola e voltava bravo. Mas no nosso caso, não havia reclamações. Éramos muito aplicadas, pois senão... Devem ser estas as lembranças de momentos fascinantes que ficam ou, momentos que deixam marcas tristes, difíceis de serem removidas, segundo Vasconcelos (200, p. 15):

Quem viveu boa parte de sua vida em uma escola sabe também que por lá circulam afetos, emoções, calor humano, aceitação e repulsa que a lógica instrumental não dá conta de captar, mas que, por certo, são responsáveis por momentos guardados na memória de professores/professoras e alunos/alunas. Momentos que falam de solidariedade, de apoio a iniciativas e descobertas, de desenvolvimento da auto-estima e de cumplicidade. Momentos que falam de segredos carinhosamente divididos, de decisões resultantes de um "papo", de mudanças no curso da vida propiciadas pela palavra amiga, pelo gesto de ternura, pela exigência que soube ser firme e vestir-se de carinho. Momentos que ficam porque deixam marcas tristes, impregnadas de medo, de desânimo, de perda da autoconfiança. Marcas, muitas vezes, difíceis de serem removidas".

A época mais chata eram as férias, pois não víamos nossos amigos, porque a distância era muita. Eu e minha irmã brincávamos de escolinha. Naqueles dias não podíamos ficar assistindo televisão, imagine, todo mundo trabalhando e só nós assistindo? A nossa sorte é que havia um espaço maravilhoso no sítio, um pomar repleto, muito mato e horta. Inventávamos nossas brincadeiras, nada era enfadonho como as crianças de hoje se sentem sem televisão. Outra situação que sempre me marcou era a época da recuperação. Aqueles alunos parecem que ficavam tristes em precisar ficar mais uns dias com a professora, aprendiam mais, o que no meu caso seria motivo de muita alegria, porque parecia que eles tinham mais afinidade, a professora sabia mais deles, imaginava as coisas boas que eles faziam nestes dias. Hoje sei que a realidade das aulas de recuperação é bem diferente.

A escola era pequena, mas havia coisas que pareciam tão grandes para serem guardadas no coração... Nasceu daí minha vontade de ser professora.

Às sextas-feiras, fazíamos comemoração cívica no pátio da escola. Cantávamos o hino nacional e cada professora preparava um aluno para recitar

alguma poesia referente às datas comemorativas, ou algum canto especial. Não havia vergonha, era natural e espontâneo, lembro que minha mãe tomava as poesias da gente, enquanto fazia uma tarefa ou outra dos muitos de seus afazeres entre a casa e o cuidado com os filhos. E a tabuada então? Tomava a tabuada sem brincar. Era sagrado. Hoje volto ao passado e vejo que ela naquela época sequer sabia escrever, pois não teve a mesma oportunidade que eles (meu pai e minha mãe) nos proporcionaram. Quanto me ajudou e ainda ajuda esta mulher maravilhosa que mesmo leiga em muitas situações, (minha mãe não teve oportunidade de terminar sequer o primário, pois perdera muito jovem sua mãe e precisou cozinhar para os meeiros da fazenda de meu avô) passava para nós a figura dessa gigante que mesmo sem ter concluído o primário, pôde auxiliar seus filhos nos deveres de casa.

Na terceira série, lembro-me da professora Dona Ana Rosa, que veio com a família para morar em Salto, pois ela era de Boituva, do interior de São Paulo. Mesmo naquele tempo os professores eram de fora. De Itu, Sorocaba, onde era a sede do SESI, vinham muitos. Daqui de Salto, também tivemos muitos professores. Lembro-me que quando fiquei doente, tive que faltar duas semanas, ela mandava as lições pela minha irmã. Preocupada, chegava ela mesma a escrever a lição para eu não me atrasar. Era brava, porém a respeitávamos muito. Nossa turma não era indisciplinada. Éramos alunos bons, comportados. Todos tinham medo de repetir de ano, ficar de recuperação, de apanhar dos pais. Uma coisa era consequência da outra, se repararmos bem.

Os anos iniciais da escola primária marcaram muito nossa infância, não fizemos pré-escola, mas fomos muito bem sucedidos na escola. Apesar de preconceitos existirem às vezes, fomos nos socializando de forma a ter muitos amigos na época de escola.

Que pena! Tivemos que sair da escola, pois o SESI vai apenas até a oitava série.

Decidi fazer o Curso de Magistério no período da manhã e o antigo Científico no período noturno, para me preparar para o vestibular, caso me interessasse por outra profissão, que não o Magistério. Foram mais quatro anos passados na Escola

Leonor Fernandes da Silva, que formou muitas das professoras de minha cidade e que hoje atuam no saturado mercado de trabalho. Naquela época havia falta de professoras, e vinham sempre nos oferecer aulas de substituição. Recém-formadas, não foi difícil ter aulas e uma classe para iniciar.

O choque maior foi perceber que aqueles quatro anos não nos prepararam muito para o que tínhamos na sala de aula. Na teoria era uma coisa, mas na prática, tudo muito diferente. Hoje, voltando naqueles dias de aula nas salas de magistério, percebo que fazíamos muitas atividades, pastas de datas comemorativas, preparávamos aulas, materiais didáticos para uso em sala de aula, mas pouco se falava do aluno. Não havia um estudo sobre como era a infância, como as crianças chegavam à escola, como aprendiam a ler a escrever, muito diferente do que vi nas aulas de meu curso de formação. Inclusive as leituras que fizemos acerca destes assuntos, ou a bibliografia hoje disponível é bem mais rica em edições e conteúdos do que naquela época de magistério.

Preparávamos para uma realidade que não era a vida. As crianças não eram todas iguais, os métodos não eram receitas de ensinar, nem as crianças vinham com manual. Mas havia disciplina, não era tão abusivo como hoje. Talvez as relações familiares também fossem mais sólidas, o núcleo familiar era constituído por pai, mãe e filhos. A maioria tinha avós carinhosas e avôs que olhavam, seus netos enquanto os pais trabalhavam fora. Cada um tinha a consciência de seu papel e da responsabilidade deste.

Não havia o Estatuto da Criança e do Adolescente, nem Conselhos Tutelares para tolher os direitos de pais e professores e em relação a alunos nas questões de desobediência e indisciplina escolar, capítulo à parte nas salas de aula atuais.

O tempo passou, mas as salas de aula continuam nos mesmos espaços escolares, hoje mais apertados, pois as redes aumentaram os números de alunos por sala de aula de forma abusiva, levando em conta o ensino quantitativo em detrimento do ensino qualitativo.

3. Na profissão, minha sala de aula...

Hoje (2005) atuo numa terceira série, com 37 alunos. São crianças e são diferentes umas das outras. As diferenças tanto de origem social, cultural, econômica chegam a ser chocante. Mesmo a religião divide muito a turma, assim como muitos alunos não estão acostumados a terem suas atenções divididas em meio a tantos. Requerem professores particulares. Atenção só para si. Um ato de quem não quer dividir o momento da explicação. E o professor, em alguns casos, tratado como empregado, tem que se subordinar ao aluno, explicando só para ele o que acabou de explicar para a classe toda.

Tenho um aluno que não quer dividir explicação com todo mundo. Preciso chamar sua atenção toda hora, seu material fica todo bagunçado na carteira, come lápis, põe coisas na boca, interfere nas explicações de outros alunos, quer me mostrar o que fazer na aula, briga na fila arranja encrencas, dá apelidos aos demais, enfim...Quando a situação apertou, porque estava chamando muita sua atenção, a sua mãe veio reclamar para a diretora, dizendo que eu o humilhei na frente de todos, e exigia que o aluno fosse retirado de minha sala e posto em outra sala. Expliquei o ocorrido, mas deu bem para perceber que a mãe acredita piamente no filho, mimado, futuro reizinho de casa. Este aluno percebeu que a mãe não gostou de mim, e está me testando de todas as formas possíveis. Conto até mil, mas tenho contornado a situação, pois levando em conta tanto mimo, ele, o reizinho de casa, precisa ser o reizinho da classe.

Mas quantos não querem ser reizinhos também?

Tenho também três alunos repetentes, que foram retidos no ano anterior, dois sequer conheciam as letras do alfabeto. Com eles tenho um prazer imenso de ajudar, a classe inteira ajuda-os a melhorar a cada dia que passa. Muito me orgulha vê-los dividindo seus conhecimentos para ajudar os que estão numa fase mais anterior ao conhecimento que já adquiriram.

Mesmo quando preciso faltar, as pessoas quando me substituem dizem que os três falam abertamente que a professora lhes dá tarefas mais fáceis que as da turma. Eles não se envergonham em ter de dizê-lo.

Recebi também um aluno que veio de uma escola estadual. Sua principal dificuldade é não saber ler, apenas copiava as lições. Se comparado, fica no nível de meus dois alunos já citados. Então formamos um grupo com quatro. Mas uma delas, tem apenas problemas em ser lenta demais nas tarefas. Sabe ler, demonstra ter conhecimentos e habilidades que necessitam de um outro tipo de intervenção. Que estou buscando estudar, procurando a melhor maneira de trabalhar com ela a fim de agilizar seu controle motor. Ela estava fazendo terapia com psicóloga, mas não melhorou nada. Aliás, nem temos acesso a sua pasta de atendimento, apenas somos “obrigadas a responder questionários e enviar relatórios”, quando pedem de última hora. São momentos em que nos sentimos muito distanciadas e mal-tratadas por esses especialistas que deveriam ser nossos parceiros apesar de agirem como superiores ou auditores de nossa prática escolar.

Devo colocar que não tenho assim problemas de disciplina. Os meus demais alunos vão bem, acompanham o conteúdo da terceira série, mas estou levando em consideração o estágio de cada um, levando em conta a heterogeneidade da sala, suas diferenças, e semelhanças, para agrupá-los, tentando olhar cada um como é, e não como o aluno que eu queria que fosse, respeitando cada nível e dando o tempo necessário para construir o aprendizado.

Por estar levando em conta estas características em minha sala de aula: a heterogeneidade, as diferenças e semelhanças, considerando o estágio em que cada um está, e a partir do momento em que, me proponho a olhar cada aluno como é, e não como o aluno que se espera nessa série, respeitando cada nível e dando o tempo necessário para construir o aprendizado percebo quão importante entrelaçamento ocorre entre as concepções vygotskianas acerca de zonas de desenvolvimento, as concepções sobre o desenvolvimento e aprendizagem, o papel das interações em sala de aula, bem como a intervenção pedagógica do professor em sala de aula com o meu dia a dia escolar. E isso faz com que a cada dia tenha um impulso maior em ter maior conhecimento sobre os escritos de e sobre Vygotsky.

Quando o professor mantém um aluno como modelo, para seguir por igual com todos, ele só tem a perder. Ganhei mais tempo quando comecei a trabalhar com eles, respeitando suas diferenças, o que aprendi com as aulas em que falamos de Vygotsky.

Se, de maneira uniforme pela classe toda, devem existir, alguns alunos que apresentaram “atrasos” na aprendizagem de conteúdos escolares, e que, foram “empurrados”, porque conseguiram a média apenas necessária para passar de uma série para outra, a presente citação que apresento a seguir serve também nestes casos.

Segundo Vygotsky, (1994, p.110)

O aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram de lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Conseqüentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar.

Isso reforça a idéia de que há necessidade de buscar a história prévia de meus alunos na série anterior e nas aprendizagens não escolares... E a melhor maneira de fazê-lo é trabalhar na zona de desenvolvimento proximal.

Por ser a zona de desenvolvimento proximal responsável por definir aquelas funções que ainda “amadurecerão” e se tratar de um método que me possibilita entender e dar conta não apenas dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em processo de maturação que já foram completados, como também daqueles que estão em processo de formação, permite-me delinear o futuro imediato de meu aluno e seu estado dinâmico de desenvolvimento, como também o que está em processo de maturação. É por isso que segundo Vygotsky (1994, p.113),

O estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal.

Então, quando uma criança tem dificuldade com um problema ou situação envolvendo uma das operações matemáticas, por exemplo, e eu resolvo na lousa, utilizando-me de conceitos fáceis para seu entendimento, a criança pode captar a solução num instante, mas se o fizesse usando estratégias mais complicadas para seu entendimento a criança seria incapaz de compreender a solução, porque aquele raciocínio seria para ela, muito complicado.

Quantas vezes então, quando em minha sala de aula uma criança não consegue entender um problema de matemática, ou uma pergunta feita, peço que outro aluno o esclareça, e não me aborreço mais, quando a criança faz uma expressão de espanto e diz “era tão fácil assim?”, como se eu não soubesse explicar, ou que ele não estivesse preparado para entender com minhas palavras.

Quando uma criança consegue fazer sozinha determinadas atividades, de forma independente, está no nível de desenvolvimento real. O nível de desenvolvimento potencial é quando a criança consegue realizar a tarefa, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A diferença entre estes dois níveis é o que chamamos de desenvolvimento proximal. A zona de desenvolvimento proximal, segundo Vygotsky (1994, p.113), define aquelas funções que não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, são ainda “brotos” ou “flores”, ao invés de “frutos” do desenvolvimento.

Trabalhar com os alunos sabendo em que nível de desenvolvimento se encontram, propicia um resultado mais satisfatório, no que diz respeito à avaliação da aprendizagem, replanejamentos mais eficazes, partindo do que a criança apresenta de conhecimentos. Possibilitando uma intervenção mais positiva por parte do professor. Em que ele também contará com auxílio daqueles alunos mais capazes para superar algumas dificuldades.

Foi a partir de meu maior esclarecimento sobre “o conceito de zona de desenvolvimento proximal”, que comecei a fazer indagações e chegar a resultados positivos, pois me fizeram buscar nos escritos de Vygotsky, debruçando-me nas leituras as respostas para adequar minha prática em sala de aula, naquela realidade

que já citei anteriormente como características de minha sala de aula neste ano de 2005.

Quando assumi uma classe de terceira série, sabia de antemão os conteúdos que os alunos deveriam trazer da segunda série, bem como sabia os conhecimentos que elas levarão de bagagem para avançar os estudos na quarta série. O que eu não sabia era que conhecimentos eles traziam dos anos anteriores que poderiam ser úteis para dar continuidade e alavancar este processo de ensino/aprendizagem referentes a nossa terceira série.

As avaliações feitas por mim nas semanas iniciais de aula foram inteiramente pensadas em conhecer a identidade de cada uma das crianças, fazer com que demonstrassem seus conhecimentos não através de provas, avaliações que tornariam menos positivas essas especulações iniciais, tratavam-se apenas de sondagens para dar o caminho inicial. Estávamos apenas “tentando” afinar nossos passos, como uma coreografia onde todas as bailarinas seguem passos iguais, ninguém indo antes, nem atrasado, para dar o passo seguinte. Todos numa mesma sintonia.

Confesso, que todo início de ano, a minha frase essencial é “CONTENHA-SE!”, pois tenho aquela ânsia inicial de após um período de férias, em que fico em casa “gestando idéias” chego no “ponto de bala”, pronta para passar conteúdos, já começar projetos novos, já ir adiantando tudo o que penso em fazer e pedindo auxílio deles na implementação de outros projetos... Muito ingênua, por sinal, tenho que seguir devagar e aos poucos e no tempo indicado pelo grupo após conhecê-lo.

Mas hoje, após muito aprimoramento na minha condição de entendimento e busca nos conceitos de Vygotsky, bem como naqueles que o lêem e fazem maiores esclarecimentos, trazendo mostras de como tudo se justifica possibilitando resultados mais satisfatórios, consigo lidar com essa ânsia de trabalhar conteúdos e busco mais do que nunca trazer à baila coisas mais significativas e que trarão, posteriormente, maiores realizações, não apenas para a professora, mas para as crianças.

No livro “O construtivismo na sala de aula” Javier Onrubia (1998, p.135) traz em seu capítulo 5: “Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal...” elementos

relevantes suscetíveis de gerar critérios válidos para o desenho da prática habitual e análise e interpretação reflexiva na criação de ZPD (Zona de Desenvolvimento Proximal), cujo assunto referido me ajuda a entender melhor o porquê não posso chegar e ir direto querendo despejar minhas atividades encubadas para a série que me foi atribuída sem ter a real noção da participação que meus alunos trarão nesse movimento de criar zonas de desenvolvimento proximal.

Por tudo isso, sem possibilidade de participação efetiva do aluno, não há tampouco possibilidade de criação de ZPD nem de intervenção nelas. Que os alunos participem efetivamente das situações de aula depende, sem dúvida, de muitos e muitos diferentes fatores, que não podemos enumerar exaustivamente. No entanto, podemos isolar alguns dos que, pelo que sabemos, são particularmente decisivos a esse respeito: o tipo de conteúdos priorizados no trabalho na sala de aula, o tipo de atividades realizadas, seu nível de complexidade, as possibilidades de opção entre elas e nelas, os materiais e recursos de apoio, as normas de funcionamento globais da aula, e alguns aspectos da atuação concreta do professor no desenvolvimento das aulas.

Assim, trabalhar de maneira quase exclusiva conteúdos conceituais despojados de sua base experiencial e funcional pode ter como efeito imediato impedir a participação e o envolvimento adequado de muitos alunos no processo, que, contudo, poderiam ter muitos outros recursos e instrumentos a partir de um enfoque dos conteúdos mais de procedimentos ou atitudes.

Compreender “até onde o aluno chegou”, em termos deste percurso, ou seja, quais tarefas ela já tem a capacidade de realizar sozinha, sem necessitar da ajuda de outra pessoa, é verificar em que nível de desenvolvimento real este aluno se encontra. E essa medida não se encontra revendo as notas da criança no ano anterior, nem buscando conhecê-la apenas vendo as avaliações feitas anteriormente. Trata-se de um momento muito especial e particular entre o professor e o aluno, através de avaliações formativas que também indicam o real desenvolvimento dos alunos e como deve o professor reorganizar as aulas, observação mais detalhada do aluno, participar do modo como ele faz as atividades, ver como faz e que passos utiliza nessas atividades. Corrigir cadernos, verificar se

presta atenção na aula, se é capaz de fazer autocorreção a partir de correção na lousa, se tem a capacidade de encontrar seu erro e assumir que errou, para corrigir, entre muitas outras estratégias que o professor utiliza para ver e diagnosticar em que nível a criança está, quão apta ela veio do ano anterior.

Quando se trabalha com a Zona de desenvolvimento proximal, estamos num ambiente onde há uma atitude constante de observação e sensibilidade diante de tudo que os alunos fazem ou trazem.

Há nessa atitude de observação constante uma atitude de avaliação, pois a partir dessa forma de avaliação existe sempre a implicação de uma retomada de posições visando sempre a um maior entendimento entre os alunos e professora, buscando um ajuste contínuo. As avaliações acontecem de maneira muito natural, podem ser aos pares, em grupos, até mesmo individual, visto que não será feita de modo a prejudicar o aluno com conteúdos que eles não dominam, e onde o produto final não é o único a ser levado em conta, são levados em conta as estratégias usadas pelo aluno, se houve erro, há uma busca de onde houve o erro, desviando a trajetória do acerto. Mas não é nada que o aluno não possa estar revendo novamente para chegar ao acerto e refazer num outro momento um, novo exercício que já esteja dominado.

Para Vygotsky (1994, p.113) o nível de desenvolvimento real da criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. O que caracteriza o desenvolvimento de forma retrospectiva, ou seja, refere-se a etapas já alcançadas, já conquistadas pela criança.

Vygotsky (1994) chama a atenção para o fato de que para compreender adequadamente o desenvolvimento devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança, mas também seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de realizar tarefa com a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes.

No dia a dia escolar, há tarefas que uma criança não é capaz de realizar sozinha, mas que se torna capaz de realizá-la se alguém lhe der instruções, fizer uma demonstração, fornecer pistas, ou der assistência durante o processo.

Hoje em dia, em decorrência das salas superlotadas, um professor apenas não basta, visto que muitas crianças presentes entre as que necessitam de auxílio individual na realização de tarefas, estão muito mimadas, o que me faz lembrar do livro infantil da escritora Ruth Rocha, "Reizinho Mandão", livro no qual havia um reino muito feliz, com um rei muito bom, que ao morrer, deixa no comando seu filho, um reizinho muito mimado e cheio de manias, que começou a inventar e fazer leis malucas, não aceitava palpites de ninguém, mandava todos se calarem a todo instante, ou sequer reclamar, foi aí que seus súditos passaram a se calar cada vez mais, e desaprenderam a falar. O reizinho ficou desesperado e foi em busca de uma solução. Foi até o reino mais próximo e descobriu um velho sábio, que depois de dar-lhe uma bronca, o aconselhou a falar com a única menina que ainda falava em seu reino. Ele a encontrou e assim que ela falou, ouviram-se raios, trovões e todos no reino começaram a falar e cantar. O barulho foi tanto que o reizinho não agüentou e fugiu. Faz-me lembrar também, do caso que descrevo no início deste capítulo. O que torna necessário o auxílio daqueles alunos que já conseguem realizar as tarefas sozinhas de forma independente, visto que os cargos de estagiários ou auxiliares de professor não existem.

Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é fundamental na teoria de Vygotsky. E é fundamental perceber quão importante esta teoria é recomendável para a educação, para os professores em geral. Desde que compreendi esta ajuda mútua de aluno para aluno, percebi que a relação entre meus alunos modificou, não existe aquele aluno incapaz de aprender, mas "sim" aquele que ainda está amadurecendo para adquirir tal conhecimento, e que requer ajuda para alcançar aquela etapa. E existe aquele aluno que me supera, quando se desdobra para passar ao companheiro sua forma de resolver outras atividades, me substituindo neste papel de multiplicadora e mediadora do conhecimento.

Tratar do conceito aprendizado/aprendizagem é uma constante na vida de professor. A maneira como se dá a conquista deste aprendizado é a busca constante que movimenta o professor, buscar estratégias para que meus alunos alcancem o conhecimento, aprendam o que lhes ensino.

Uma vez, conversando com a professora dr^a Ana Luiza B. Smolka, cheguei à conclusão de que a escola é o espaço para aqueles que não aprendem, os que possuem dificuldades, os que necessitam mesmo da intervenção pedagógica para que o aprendizado chegue a eles.

Cheguei a ter uma verdadeira “neurose” no ano em que iniciei os estudos para o Trabalho de Conclusão de Curso, em 2004, porque minha sala de aula tinha alunos ótimos, que sabiam muito para a série, alunos médios, que acompanhavam os conteúdos, alunos fracos, alunos que não sabiam ler ainda, e os que não sabiam escrever. Era uma segunda série, mas havia muitos casos diferentes. Não apenas o fato de a alfabetização não ter sido concluída na primeira série, pois também entendo que a alfabetização é um processo que se estende para a vida toda, mas quando falamos de uma série seguinte, a progressão continuada nos mostra que é para continuar daquele conhecimento que a criança adquiriu. Ou seja, partir do conhecimento do seu nível de desenvolvimento real, para chegar ao nível de desenvolvimento proximal.

Porém fomos formadas como alunos e como professores num sistema de ensino onde havia a aprovação ou repetência, salvo aqueles casos de recuperação bem sucedidos e esperamos aquele aluno “redondinho” preparado para a fase seguinte. Muitas vezes acabo usando os dois meses iniciais do ano letivo para fazer uma revisão, e assim, obter o verdadeiro momento em que as crianças estão. Não me pego fazendo críticas aos professores do ano anterior, pois em educação, a ética deve ser feita de maneira a sermos discretas e muito precavidas antes de dar notas, atribuir elogios ou criticar o nosso companheiro.

Neste sentido, se faz necessário rever a formação dos novos professores, seja no que diz respeito à ética, ao compromisso de educar com mais critério, levando em conta acima de tudo o aluno real que se apresenta como produto do momento a ser trabalhado.

Tenho neste ano, a mãe daquele aluno “mimado”, como o “reizinho mandão” que aprendeu com ela a me testar de todas as formas possíveis. Na reunião de pais, vai ser a primeira a querer saber do seu filho, vai estar com pressa porque precisa ir trabalhar, vai fazer caras e caretas quando o que eu falar lhe servir, ou fará como se

eu nem estivesse falando de seu filho, ou seja, é um retrato vivo de sua criança. Não acho que o professor deva estar preparado para lidar com esses casos, mas precisamos ter apoio para melhor lidar com eles. Quando falo em apoio, cobro por parte de diretores, assistentes, companheiros de série, do próprio secretário da educação e seus subordinados, ações condizentes no sentido de dar retaguarda ao professor. Muito de política tem tornado os professores verdadeiros empregados em suas salas de aula. Os pais acham que porque elegeram o prefeito, poderão exigir do professor as coisas absurdas que nos negamos aos mimos de seus filhos. Outro fator importante é a falta de respeito por parte de psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, que tratam as crianças de forma isolada. Sempre ouço que o professor está errado, que a sua conduta não é a correta, que ele deveria fazer isso, aquilo mas não procuram saber realmente o que se passa. Tudo é motivo de desmotivação, de falta de estratégias do próprio professor, que de repente, se vê no banco dos réus, é o culpado de tudo.

Com isso, a maioria dos pais, quando não interferem de maneira negativa na educação escolar de seus filhos, deixa até mesmo de cuidar da educação no sentido real da palavra, passando para a escola uma função mais social, de cuidar e de guardar a criança no período escolar. Viramos babás, assistentes sociais, governantas, mas com uma remuneração única: a de ser professor. E qual vantagem maior se não a de ter, uma babá que também ensina? Vantagem unilateral, apenas dos pais, diga-se de passagem.

Ao iniciar o trabalho escolar levando em consideração o conhecimento das zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial, o papel da intervenção pedagógica está implícita e interligada ao ensino escolar. Se o que impulsiona o desenvolvimento é o aprendizado, então o papel da escola é essencial, pois para a criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento.

Segundo Vygotsky (1994), o processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança - num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido - e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola,

supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças. O percurso a ser seguido nesse processo estará balizado também pelas possibilidades das crianças, isto é, pelo seu nível de desenvolvimento potencial.

Como na escola, o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente.

É singular o valor que Vygotsky dá a processo de interação, a nós educadores, às intervenções pedagógicas e ao ensino na construção do conhecimento.

O valor das interações em sala de aula particularmente nas que hoje expressam nossa realidade, ou seja, superlotadas, com a turma apresentando uma diversidade riquíssima em seus pares, tem de ser contempladas na crença onde todos terão possibilidade de falar, levantar suas hipóteses e, nas negociações, chegar a conclusões que ajudem o aluno a se perceber parte integrante de um processo dinâmico de construção. O professor vai ensinar seu aluno, mas este também poderá aprender com seus colegas mais experientes.

Ao professor caberá, ao longo do processo, através de suas estratégias de ensino, garantir o domínio de novos conhecimentos por todos os seus alunos.

A nossa importância deve estar no fato de que, é a Escola o local onde há o confronto com as diferenças, o que constitui o homem, nesta escola onde somos muitos, e na reunião de diversas realidades, no conjunto de vozes diversas, onde o autor aqui tratado nos acorda significados para coisas que na individualidade de cada um pode ter sentidos diversos.

Aqui aproveito o gancho e falo de um professor que não mais despeja conteúdos, como aquele muito negado por Paulo Freire e sua educação bancária: o professor mediador. A partir deste conceito, o professor constrói relações válidas e importantes em sala de aula, o aluno passa a ser alguém com quem o professor pode e deve contar, aumentando também a sua auto-estima e a capacidade de aprender. Ao construir essas novas pontes através deste relacionamento, surge uma

interação marcada por desejos e valores que reforça as relações entre as pessoas (professor e alunos), esquecendo as desigualdades que possibilitam um conhecimento mais real e profundo aumentando os laços que os unem, não apenas em virtude do aprender e ensinar.

Para Vygotsky (1994 p.117) "o único bom aprendizado, é aquele que se adianta ao desenvolvimento".

Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na promoção do "bom aprendizado". Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas - que no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças - é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo.

Na minha turma deste ano, tenho crianças muito ligeiras na solução de problemas, que fazem com desenvoltura qualquer atividade, pegam rápido os comandos e executam as ações, chegando a ser perfeitos em muitas atividades. Estas crianças se cansam de ter que esperar até que a classe termine as atividades para dar prosseguimento com uma outra matéria, ou conteúdo mais diversificado. Eles adoram me ajudar a ensinar os companheiros que tem dificuldade, tomam leitura, dão dicas de como resolver, mas sempre lhes digo que é para ajudar, não para resolver por eles. Deste modo, ficou muito mais fácil trabalhar com as diferenças de aprendizado que a turma possui.

Com relação à atividade escolar, é interessante destacar que a interação entre os alunos também provoca intervenções no desenvolvimento das crianças. As crianças que inicialmente solicitaram o auxílio da professora, depois conseguem sozinhas resolver outras atividades semelhantes sem necessitar de ajuda. Tornam-se os próximos auxiliares, interagindo com o conhecimento em outros grupos menos favorecidos.

Sabemos que nas nossas salas de aula os grupos de crianças são feitos a partir do conhecimento já adquirido nas diversas áreas e uma criança mais avançada num determinado assunto, pode contribuir para o desenvolvimento das outras. Determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento das outras.

Assim, como o adulto, uma criança também pode funcionar como mediadora entre uma outra criança e às ações e significados estabelecidos como relevantes no interior da cultura. Os trabalhos em grupo, as aproximações entre turmas são muito importantes para que a classe se torne cada vez mais solidária, no sentido de dividir e expandir o conhecimento.

Quando Vygotsky (1994, p.117), propõe que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros, reforça a importância da intervenção do professor e das próprias crianças no desenvolvimento de cada indivíduo envolvido na situação escolar.

Em decorrência das tarefas escolares surge uma controvérsia que me faz trazer indagações a respeito de quais são as modalidades de interação que podem ser consideradas legítimas promotoras de aprendizado na escola e fora dela.

Visto que quando o professor manda uma tarefa para ser resolvida em casa, as possibilidades de verificar de perto como se dá a resolução deste problema, fica um impasse se realmente aquela atividade foi bem dirigida conforme as estratégias para se chegar à solução adequada, ou se já foi dada direta a resposta para abreviar a falta de tempo dos pais ou demais companheiros de tarefa. Quando surge uma verificação através de outras atividades e que apontam que o aluno foi incapaz de realizar aquela tarefa que supostamente conseguiu fazer sozinha em casa, surge o flagrante. Na maioria dos casos, os pais se negam a concordar que o que fizeram foi errado, negando que foi daquela maneira que a criança chegou à solução do problema, mas a frustração é muito maior, pois a criança não consegue resolver sozinha, sem pistas, indicações, para ela acaba virando fracasso.

Se o professor dá uma tarefa individual aos alunos em sala de aula, por exemplo, a troca de informações e de estratégias entre as crianças não deve ser considerada como procedimento errado, pois pode tornar a tarefa um projeto coletivo extremamente produtivo para cada criança, podemos perceber, que a classe acaba sempre num burburinho após a entrega de novas atividades a realizar, é o momento

em que as crianças trocam idéias, fazem seus intercâmbios e buscam soluções conjuntas. Eram momentos que me deixavam incomodada, pois o nível de barulho era muito grande. Hoje, sei que para eles, este momento é muito importante e até já me acostumei a este ritual. Quanto mais barulho, maior a troca de informações entre as crianças.

O mesmo ocorre quando um aluno recorre ao professor (ou aos pais, em casa) como fonte de informação para ajudá-lo a resolver algum tipo de problema escolar, não está burlando as regras do aprendizado, mas, ao contrário, utilizando-se de recursos legítimos para promover seu próprio desenvolvimento. O que extrapola, nesses casos, são aqueles pais que acabam por resolver eles mesmos as lições de seus filhos, com sua letra, sem se preocupar que está tornando um flagrante e impensado ato que acaba por inibir as potencialidades dos indivíduos, que acabam por se tornar dependentes da ação descuidada.

É interessante observar que, em situações informais de aprendizado, as crianças costumam utilizar as interações sociais como forma privilegiada de acesso à informação: aprendem regras de jogos, por exemplo, através dos outros e não como um resultado de um empenho estritamente individual na solução de um problema. Qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção do aprendizado e do desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma produtiva na situação escolar. Como a situação escolar é um processo permanentemente em desenvolvimento, e a transformação é justamente o resultado desejável desse processo, métodos de pesquisa que permitam captar transformações são os métodos mais adequados para a pesquisa educacional.

Na Rede Municipal de Ensino as salas de aula atualmente estão superlotadas, conseqüentemente há uma riqueza de experiências e conhecimentos nelas agrupadas. Para agilizar o trabalho o professor pode solicitar o auxílio de alunos mais capazes para dinamizar as relações entre o conhecimento e as formas de obter o aprendizado necessário, surgindo aí uma relação que torna claro que o professor não é o único que sabe, o detentor do conhecimento, pois...mestre é aquele, que de repente...aprende. Esta ponte necessária entre o aprendizado e o

sujeito que toma o conhecimento torna alunos e professores cúmplices e agentes do ato de ensinar/aprender, pois só ensina aquele que foi capaz de aprender.

A alfabetização também é uma preocupação constante em minha sala de aula. Tenho três alunos que estão na terceira série, mas não sabem ler e escrever. No início, não possuíam autonomia própria daqueles que sabem escrever e ler. Porém na minha sala de aula, conto com a ajuda de todos para tornar esse processo o mais natural e espontâneo possível. Pois se eles não sabem ler ou escrever, o fracasso não foi deles, mas de todo um conjunto de fatos e de um sistema que não estava voltado inteiramente em formar bons leitores e escritores nas séries iniciais, bem como o descaso em não lhes dar uma atenção especial e merecida quando se detectou esta falha no seu aprendizado. Não que as aulas de recuperação paralela e reforço sejam tão eficazes, mas fazem parte de um conjunto de ações que ajudariam no processo ensino-aprendizado.

Não basta apenas reprovar o aluno, esperando que o professor vá fazer milagres, na verdade sinto que estou correndo contra o tempo, pois, os conteúdos da terceira série são muitos.

Mas hoje, a vitória maior é acompanhar o crescimento diário deles. A maneira como se comportam, a vontade de aprender, de ser ajudado, ter a compreensão de que os amigos estão numa fase posterior e que por serem mais capazes neste momento, aceitam ajudar.

Numa terceira série, um professor dificilmente acha que teria uma função extra de alfabetizar algum aluno, algo tão comum se fosse uma segunda série, mas a heterogeneidade das turmas, e o fato da aprovação automática tornaram esta realidade uma constante nas salas de aulas sem preparar o professor para tão desgastante aventura. Mas a necessidade de superação tanto por parte do aluno, como por parte do professor, vai mudando as práticas, conquistando novas formas de agir e pensar, sobretudo fazendo o professor ter na reflexão de sua prática, um instrumento de melhoria individual.

Segundo Smolka (1988) a sala de aula é um ponto de encontro das diferentes histórias, dos diferentes percursos, dos diferentes saberes. Mas começa a ser

também um lugar de descompasso, de desencontro, quando as “dificuldades de aprendizagem” e os “problemas de comportamento” começam a aparecer.

No mesmo artigo Smolka (1988) continua:

mas, se são milhares e milhares de crianças de todos os países... Não deveríamos estar revendo nossos padrões, nossas estatísticas, nossa concepção de desenvolvimento, de aprendizagem, procurando levar em conta, na nossa análise, inclusive as contradições que existem, por exemplo, entre o acelerado avanço tecnológico e as diversas e variadas (muitas vezes precárias) condições de vida? Como essa tecnologia, hoje, marca as crianças? Em que, ou de que modo, ela transforma os modos de aprender das crianças? Não falo só de computadores, aos quais a maioria também não tem acesso. Falo de coisas mais permeadas no cotidiano, como o próprio processo de produção, industrialização e consumo, como a televisão. E, por outro lado, como a miséria também marca as crianças?

A realidade de nossas crianças não é diferente desta que Smolka nos apresenta, há também por trás disso um agravante talvez muito comum, pois entre os professores, apenas uma minoria possui computador em casa, bem como não dispõe de muitos recursos para possibilitar um ensino de qualidade, não compram jornais, não assistem televisão, não podem com seu orçamento comprar livros, revistas ou gibis, e assim cruzam seus braços esperando que o governo, na figura da direção escolar se proponha a fazê-lo.

No tocante a nossos alunos, lembro me de uma situação em que uma professora de pré-escola coloca que seu aluno vem sujo, cheirando forte suor, roupa suja, com fome. Tive a oportunidade de chegar nele e lhe perguntei se naquele dia ele fugiu do chuveiro, ele me olhou e disse: “tia, eu tomo banho é de mangueira. Em casa não tem chuveiro!”. Nessas horas, todas as nossas suposições caem por terra. Pudera, esta semana está tão frio, imagine tomar banho de mangueira...

Quando nos dispomos de tempo para ouvir essas situações do cotidiano das crianças, precisamos estar preparadas para muitas situações que nos deixam ver a miséria e a ignorância a olho nu. E na verdade é bem mais fácil olhar apenas os atrasos que as crianças apresentam em sala de aula, do que ver os avanços de que

são privadas por uma divisão de rendas muito injusta que acomete o país e a nossa classe de professoras.

A única maneira de aplacar essas dores individuais é dar a essas crianças uma assistência melhor no sentido de proporcionar-lhes uma educação que chegue muito mais ao alento, ao conforto, escutando aquelas vozinhas interiores que cansadas de serem emudecidas querem contar suas realidades para serem melhor atendidas, pelo menos nessas horas em que estão no nosso alcance, nos nossos cuidados. Talvez precisem destes cuidados e de aprender de uma maneira mais humana e menos sistematizada que a rede nos cobra, mas temos autonomia para mudar essa realidade, tornar o aprendizado dessas crianças mais feliz, através de jogos, brincadeiras, maiores intervenções, mais interações entre professor-aluno e aluno-aluno. O que encontramos em Vygotsky responde a maioria das nossas indagações.

Não fico satisfeita apenas em chegar a essa mesma conclusão, mas tenho a necessidade de buscar novas estratégias, novos instrumentos que tornem capaz de rever e analisar essa situação vivida em sala de aula pela professora que sou, busco neste processo, por que não até mesmo uma parcela de culpa. E não há como ignorar que esse fracasso é devido a condições de ensino e trabalho nas escolas, de professores que, preocupados com o processo de alfabetização/escolarização abafam, represam a vida das crianças, tolhendo com o "simulacro escolar" todas as realizações e histórias de vida das crianças. Lembrei-me agora de um trecho do livro de Telma Weisz, "O diálogo entre o ensino e a aprendizagem" que traz que: o papel da escola é criar pontes, não abismos.

Essas atitudes que comumente vemos em sala de aula reforçam essas atitudes negativas aqui discutidas. Criamos abismos, quando a necessidade de criar pontes é algo mais próximo da nossa capacidade de ensinar, criar valores, dar através destas novas contribuições que Vygotsky traz em suas obras, um impulso que possibilite um verdadeiro alvoroço nas salas de aula e nos modismos que infelizmente movem a educação no país.

Sabidamente, Smolka nos dá uma dica

... Atentar não só para “o que” as crianças dizem e fazem, mas para o COMO dizem e fazem: e tentar traçar o movimento e o PORQUÊ das atividades e das ações em sala de aula, muda a posição do professor e dos alunos na escola: desloca o enfoque da “capacidade” das crianças ou da “competência” da professora para as condições em que estas se produzem, possibilitando ampliar, deste modo, o espaço de elaboração conjunta. É neste espaço que aparece – que pode aparecer – a diversidade dos modos e dos esquemas de construção do conhecimento.

Essa dica tem TUDO das concepções Vygotskianas que vimos ao longo de seu curso, no último semestre de 2003, e do qual muito me beneficiei tanto como aluna, mas como educadora, pude ver melhorar em muito, minha prática.

Quando Telma Weisz diz que o papel da escola é criar pontes, não abismos, lembrei-me que surge no sistema de ensino, com a instauração da progressão continuada, uma denúncia à qualidade do ensino, que ao mesmo tempo que cria pontes para pais e alunos, leva ao abismo criticando professores e tirando deles uma autonomia até então privilegiada.

Visto que o ciclo (e a progressão continuada) apenas mantém o aluno que não sabe ler na escola, sendo critério do professor compensar esta defasagem, o que no sistema seriado, levaria a exclusão do aluno, uma “expulsão” isso se justifica quando o peso sobre o fracasso e a defasagem recai sobre a atuação do professor e nunca sobre o sistema.

Muitas das minhas atitudes mudaram neste tempo, muitas atividades que aplicava, hoje são obsoletas, posso sentir que aprimorei, melhorei muito e quero não estacionar aqui. Mas quero estar sempre em meio a meus alunos, aprender a conviver com suas diferenças, traçar planos para vencermos juntos as dificuldades.

Minha mesa cheia de papéis, para eles – alunos – papéis, mas verdadeiros documentos, pelos quais tenho um cuidado até mesmo exagerado. E livros, com que prazer falo deles, a cada ano, quando aumenta o acervo de literatura e descubro um leque de possibilidades que só estas viagens através dos livros são possíveis. Mas não tenho medo em emprestar livros a meus alunos, inclusive, estou montando minha própria biblioteca, um acervo repleto de leituras de diferentes tipos de livros, de gibis, jornais, a revistas infantis, livros de dobradura, livros de receitas, contos de

fadas, fábulas, aventuras, enfim, uma série deles, para agradar todos os tipos de leitores.

A maneira de trabalhar o erro, também foi uma das minhas vitórias neste tempo de curso (aprender) e ensinar, antes errar não era bom, tiravam nossas notas, diminuía nossa estima. Passei a pedir que o aluno arrumasse, revisse o que respondeu para retificar e acertar, após a revisão, que gratificante é ver o aluno feliz porque acertou, não importa o número de tentativas, o que importa é o resultado, a perseverança, a força de vontade que um “XIS” ou um ERRADO distancia, tornando-os incapazes de até tentar. O importante é dar para cada aluno o tempo certo que ele necessita para amadurecer suas respostas. Mesmo que para isso você precise dar algumas pistas, alguns sinais, para que o produto seja mais facilmente atingido. Quanto a isso, o papel da intervenção pedagógica presente em Vygotsky, muito me ajudou a melhorar.

Um olhar cuidadoso sobre o que a criança errou pode ajudar o professor a descobrir o que ela tentou fazer, porque o conhecimento se constrói freqüentemente por caminhos diferentes daqueles que o ensino supõe. E conversar com o aluno, vasculhar de que maneira ele chegou àquela conclusão, para juntos, tentar resolver buscando a maneira mais prática, através da interação entre seus pares, é uma intervenção própria daquele que faz a mediação, o professor.

Quando chegamos à conclusão de que não devemos fazer o que nos fizeram, estamos refletindo que nem sempre os modelos são para todos. Existe um diferencial presente em cada aluno e em cada professor. Isso justifica que com a democratização do ensino gradativamente foram para a escola grupos que permaneciam alijados desse processo, o que pareceu salientar as diferenças.

Quando decidi trabalhar com meus alunos tendo como suporte o conhecimento obtido através dos conceitos Vygotskyanos sobre Zona de Desenvolvimento Proximal, tenho consciência de que não depende apenas de cada professora fazer e proporcionar ajudas nesse âmbito conceitual, mas essa tarefa passa por uma rede muito maior que envolve não só o professor, mas requer muitas outras decisões a nível de ciclo, de etapa, organização do espaço físico escolar, bem como de um esforço coletivo de vários professores em conjunto.

No livro “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem” pude aprofundar meus conhecimentos acerca das concepções de Vygotsky sobre o processo de formação de conceitos que remetem às relações entre pensamento e linguagem, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. E que dão ênfase à valorização de tudo que a criança traz como conhecimento, porque a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar.

3.1 Tratando das relações entre Letramento e Alfabetização

Também foi através da Faculdade de Educação, nas aulas do professor Sérgio Leite e da professora dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira que aprendi a trabalhar o Letramento: um novo conceito para melhor conhecer a função da escrita, tomando conhecimento dos estudos de Tfouni, 1995; Kleiman, 1995; Soares, 1998.

Para Kleiman (1995) Letramento é o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para fins específicos.

Soares, (1998), definiu Letramento como o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Para Vygotsky, segundo Tfouni (2002, p.21)

“O Letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa da elaboração de formas mais sofisticadas de comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como: raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas etc.

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações

históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo"

O letramento pode ser visto então sob uma perspectiva sócio-histórica, pois o uso da escrita depende das necessidades e condições sociais que são modificadas de acordo com o contexto histórico.

Cheguei a me interessar pelo Grupo de Pesquisa, que trata de assuntos referentes à alfabetização, porém não foi possível devido a horários e à distância da Faculdade, bem como à falta de incentivo por parte da Secretaria de Educação que não permite que o professor se capacite da melhor forma que lhe é oferecida, pois deve ser coletivamente, pois individualmente, tudo fica mais difícil. E assim fomos perdendo muitas oportunidades oferecidas no nosso curso de Pedagogia para Professoras em exercício. Diga-se de passagem, quantos COLE nos foi negado a participação, devido o fato de não podermos faltar das aulas, por não haver professor substituto.

Mesmo entre amigas que estavam se formando aqui na UNICAMP, percebia que entre elas as cartilhas, os livros didáticos de alfabetização estavam dando espaço para este novo conceito de Letramento, fato que, se não passasse pelas aulas da Faculdade de Educação, não chegaria ao meu conhecimento até hoje.

Sinto na Rede de Educação da minha cidade que ninguém se preocupa com este tema, até hoje, ninguém se deu ao trabalho de perguntar como alfabetizamos, nem o que sabemos de métodos ou teorias. E é muito importante esta forma de ensinar, pois cada criança, tem no seu nome, um primeiro texto. E a partir daí, surgem muitas atividades que também partem do centro mais próximo do aluno, tornando as aulas mais interessantes e aumentando a auto-estima das crianças. Essa comodidade das pessoas, bem como uma certa ignorância com a nova realidade de alfabetização, incomodava muito, pois as novidades só são valorizadas, se virarem "modismos", ou se partirem de cima prá baixo.

Sobre o Letramento, reporto e trago à apreciação um poema de Kate M. Chong (1996) traduzido por Magda Becker Soares (2001):

QUE É LETRAMENTO?

*Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente
O tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.
É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.
É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.
É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

Este poema expressa muito bem o que vem a ser na realidade o Letramento, ao contrário de alfabetização que é um processo onde se penduram sons em letras. Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é usar a leitura para seguir instruções, para apoio à memória, para a comunicação com quem está ausente ou distante.

Letramento é usar a escrita para orientar o mundo, nas ruas, é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se lendo ou escrevendo, e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser.

Hoje, percebo quantas implicações surgem quando fazemos estas leituras e relemos Vygotsky, em “A Formação Social da Mente”, 1994, para perceber quantos pontos em comum trazem repercussões ainda nos dias de hoje, que se tivessem sido levados em conta, seriam de muito mais sucesso, diminuindo nossas chances de fracasso escolar devido a “atrasos” no aprendizado da língua escrita.

Assim, compartilho da mesma premissa quando Vygotsky (1994, p.157) cita que (...) *“poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita de letras”*.

Ler Vygotsky nas aulas envolvendo o tema de alfabetização, mostra que o termo Letramento já era fato presente nos parágrafos do capítulo 8 do Livro A Formação Social da Mente: intitulado “A Pré-história da Linguagem escrita”. Leitura que hoje acho necessária a qualquer professor envolvido neste rico universo que faz parte das séries iniciais para a criança. Há quanto tempo este texto foi escrito e continua tão atual, indica a contemporaneidade desta obra de Vygotsky.

(...) No entanto, o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças.(1994, p.155)
(...) Portanto, ensinar a escrita nos anos pré-escolares impõe, necessariamente, uma segunda demanda: a escrita deve ser “relevante à vida” – da mesma forma que requeremos uma aritmética” relevante”.(1994, p.156)

Concluo a partir desta citação, que a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. O que é reforçado pela

(...) necessidade de a escrita ser ensinada naturalmente. (...) dessa forma, uma criança passa a ver a escrita como um momento natural do seu desenvolvimento, e não como um treinamento imposto de fora para dentro. (...) Para isso é necessário que as letras se tornem elementos da vida das crianças, da mesma maneira como, por exemplo, a fala. Da mesma forma que elas aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a ler e a escrever. Métodos naturais de ensino da leitura e da escrita implicam operações apropriadas sobre o meio ambiente das crianças. Elas devem sentir a necessidade de ler e do escrever no seu brinquedo. (1994, p.156)

Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos, até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que *"o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita de letras"*. (Vygotsky, 1994, p.157)

Reafirmando essas colocações, da contemporaneidade da obra de Vygotsky, Leite, 2001, traz as contribuições da teoria sócio-histórica representada pelos trabalhos de Vygotsky e Luria como a mais efetiva com relação ao desenvolvimento do caráter simbólico da escrita, ou seja, o processo pelo qual a criança passa a atribuir significado à grafia. E também pelo fato de que, a abordagem sócio-histórica, pelas suas premissas, atribui à mediação um papel muito mais determinante na

relação entre o aluno e a escrita, atribuindo, assim, ao professor um papel fundamental no processo de internalização da escrita pelo aluno.

Uma nova relação de afetividade, compromisso e seriedade com o processo de ensino aprendizagem iniciou um capítulo também marcante de minha jornada nas salas da Faculdade de Educação. Não que eu não tivesse essa tríade presente no meu dia a dia escolar, mas faltavam-me os subsídios, os embasamentos teóricos para falar de tantas coisas boas nesta área. Não tão somente o blá-bla-blá..., mas justificativas e argumentos que passaram a nortear os meus princípios e ética profissional.

Falar de quatro anos nesta Faculdade de Educação fica muito difícil, pois gostaria de falar de todos os profissionais que passaram por nossa formação, bem como de cada autor ou tema específico em que cada professor é mestre ou doutor da área, o que tomará muito deste TCC, então a necessidade de fechar mais o assunto, tratando de fatos que modificaram minha prática, melhorando minha atuação profissional será “o fio condutor” deste trabalho, como muito ouvimos dizer o professor doutor Carlos Miranda, nas suas aulas imperdíveis de quarta-feira.

O universo particular das salas de aulas, entre crianças, tarefas escolares e professores é muito rico em detalhes e não dá para virar rotina, pois nunca uma turma é semelhante à outra, cada turma tem uma maneira de ser e sentir o professor. Confesso que estou desapontada estes dois anos na Rede de Ensino Fundamental, pois tenho muita vontade de lecionar numa primeira série, como quando no ano de meu ingresso na Rede. Até então minha maior experiência foi na segunda série por anos seguidos na Rede Estadual. No ano passado, peguei a segunda série. Neste ano, estou com a terceira série. E espero no ano que vem, conseguir a minha tão sonhada primeira série, como em 2002. Aliás, as professoras deveriam ser efetivas de cargos com os quais se identificassem, assim como eu, que tenho muitos materiais para a primeira série, e gostaria de desenvolver uma pesquisa sobre a alfabetização por letramento e afetividade, a leitura e a produção de textos. Enfim, aprimorar aplicando à prática à teoria que aprendi nos livros e nas aulas na faculdade de educação.

A atribuição de aulas se dá mais pelo grau de interesse de quem chega primeiro, está melhor classificado, se adequando a horários, onde nem sempre a atuação do professor é levada em conta. O mesmo penso no caso daqueles professores que dão aula há vários anos na mesma série, sempre aproveitando o material de anos anteriores, não levando em conta que cada sala de aula é única, tem suas diferenças a cada ano que passa mais acentuadas. Nestes casos, a falta de vontade, a passividade torna os alunos desmotivados, mesmo que para o professor a situação seja cômoda, não há o respeito necessário ao papel de sujeito da ação educativa que é o aluno. Estamos tão aptas a ser chamadas polivalentes, mas a ambigüidade do termo é estarrecedora.

Outra preocupação enquanto profissional da Educação a ser formada pela Unicamp, foi quando as prefeituras decidiram formar através do Normal Superior suas professoras, mantendo nas mãos de tutoras os cursos. Sabemos que nossa formação não se compara àquela que elas tiveram, porém a remuneração nestes casos é a mesma. Anos de curso menor, no caso delas são dois anos apenas, sem estágio, e onde fica a valorização que tanto nos falam? Na minha opinião, a valorização deve partir de cima para baixo.

4. Eu, mãe ausente e professora

Sou mulher, assim como a maioria das mulheres do magistério, talvez porque a profissão seja uma das únicas em que se consegue dividir as atribuições entre casa, família e trabalho. A organização de tantas atividades, tanto em casa, na escola ou numa terceira jornada, responsável pela sua formação, torna-se sua mais importante atuação.

Na nossa turma, de início com 45 alunas, quanta diferença, riqueza de experiências, marcou cada semestre de conquistas, é verdade que no meio do caminho, muitas deixaram de concluir uma disciplina para uma tarefa mais importante ainda e que lhes coroou de alegria esta fase de nossa vida: a maternidade.

Olho para trás e um único sentimento de ausência marcou estes quatro anos de curso: quando aqui ingressei, minha filha estava com 5 anos de idade, no Jardim II. E não consegui acompanhá-la como gostaria. Falta de tempo, acúmulo de serviços, pois também trabalhava dois períodos para manter a sua escola particular, não deixar que nada lhe faltasse. Nesse relato é muito importante o fato que a ausência paterna nunca lhe incomodou, pois sempre conversamos sobre a escolha de seu pai, em voltar para o Japão e constituir uma nova família. Escolhas que mudam muito nossas vidas, mas que são tão comuns...Infelizmente. É por isso que me identifico na colocação de Vasconcelos, (2000, p.17) quando coloca que:

“A prática política coletiva constitui mais um contexto de formação do/da professor/professora. Enredada nos demais contextos, traz a cena o/a professor-cidadão/professora-cidadã que, na escola ou fora dela, milita, reivindica, resiste. Aponta para o professor que assume seu espaço/tempo e se compromete a responder aos desafios de sua sociedade. Nas lutas por melhores condições de trabalho e por salários mais dignos, nas associações onde se indicam rumos para as mudanças educacionais necessárias ao país e em tantas outras frentes, a política do/da professor/professora se manifesta.”

Identifico-me mais ainda quando ela fala que nos demais contextos, surge o professor-cidadão/ professora-cidadã que, na escola ou fora dela, milita, reivindica, resiste. Na escola em que trabalho, muitas professoras têm medo de serem tachadas de sindicalistas, pelo simples fato de defenderem ou pleitearem salários mais dignos, e às vezes usam do artifício de que “você é mãe, tem filha pra sustentar...” como se fosse uma placa com um aviso mudo que te faz esquecer seus direitos de cidadã. Aí lembro-me da militante. Às vezes é o fato de ter uma vida que depende de mim, e por que não vidas, se tenho por objetivo criar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis que me faz deixar de calar e tomar certas frentes e atitudes que por vezes são prejudiciais, mas que, se por um lado, dão medo, por outro dão um orgulho muito grande de se assumir o seu verdadeiro papel com uma identidade própria e distinta.

Pude nestes anos contar com minha família, pois minha filha ficava em casa, com as tias, e com meus pais. Apesar de ter perdido meu pai no início de 2004, ele cumpriu sua missão de educar seus filhos e dar para minha filha um pai-avô maravilhoso, que deixou muita saudade e alegria quando lembramos dele. Trabalhar com a perda de um ente querido não é nada fácil, mas necessário para a vida e para o crescimento.

Era de cortar o coração ouvir o pedido, ou o choro de minha filha para que não a deixasse, que não fosse para a faculdade, e quando aqui chegava, conversando com outras amigas, desabafávamos, pois muitas haviam feito o mesmo. Aliás, dividia-se tudo, a dor, as doenças, e as coisas boas que marcam a vida de dona de casa, mãe e professora.

Lembro-me, quando minha filha me esperava até tarde, quase vencida pelo sono, para mostrar-me com satisfação o seu primeiro dentinho de leite que caíra. Porém um acidente ocorreu na “hora” de lavar o dentinho para levar para a professora ver no dia seguinte. Apesar de eu ter lhe dito para não fazê-lo, me esperar que o faria, acabou por derrubar o dente na pia do banheiro, pois lá estava me esperando sair do banho. Resultado: condoída por seu choro de desapontamento, à uma hora da madrugada, estava soltando a mangueira da pia,

numa verdadeira missão de mãe que quer ver a filha feliz. Desta vez, deu certo! Que alívio.

Por conhecer muito de perto as professoras da escola onde ela estudava, confiava na Metodologia, e ela foi se tornando cada vez mais uma criança crítica e muito independente.

Quando ela estava na pré-escola, tive problemas em fazê-la ir a escola, resultado, as coisas não iam tão bem assim. São atitudes da professora, que não vou relatar, mas que me fizeram trocá-la de turno para ajudá-la. Chorei no dia seguinte, eram as angústias de mãe e professora que me faziam sentir a culpa desse abandono, essa ausência necessária; não sabia muito desses problemas, pois minha filha se abria mais com minhas irmãs, com quem passou muito mais tempo enquanto eu, só trabalhava e estudava, pois ela acabaria por ter de acordar cedo, para essa nova mudança. Mas estava adorando.

Assim, a partir do pré de seis anos, ela mudou de turma, de turno e eu vi nela um desabrochar diferente. Mais contente e confiante, muito mais crítica também. Passou a cobrar mais minha presença; apesar de que nunca faltei a nenhuma reunião, a nenhuma homenagem às Mães, sempre procuro participar da vida escolar de minha filha, usando para isso minhas abonadas que são sempre usadas para ela.

Com minha filha pude ver de perto as diferentes formas de ensinar na escola. Comparava muito o particular do público e sempre tentei fazer meu trabalho o mais próximo do particular, em qualidade e exigência.

Minha filha foi alfabetizada por Letramento. Aliás, usou na primeira série o livro organizado por Magda Soares, "Alfabetização e Letramento". Apreendi muito com ela e aprendo até hoje. Talvez em dobro, porque minha filha é o que chamo de aluna que não se importa em ser dez, ela acha importante ser como é. Sem esforços, vai bem no que mais gosta: Artes, Teatro e Educação Física. Com ela, melhorei muito com meus alunos. Ver que santo de casa não faz milagres, foi um aprendizado que mudou meu conceito em ensinar também. Na segunda série, a professora dela era também psicopedagoga, não que ela fosse milagrosa, mas a combinação de ambas as especialidades, muito me tranquilizou. Inclusive consegui trabalhar melhor essa minha culpa em não conseguir de modo algum, ter uma filha

nota dez, como achava que deveria, afinal, é filha de professora... E por outro lado sempre ouvia de minha filha, que pros meus alunos, sempre fazia tudo...

Havia aquele discurso “preparado”, como, por exemplo, dizer que ela ia ficar de recuperação, caso não melhorasse as notas, outro motivo eram as lições de casa, sempre do jeito dela, sem aceitar minhas intervenções, “que é para ajudar e não para corrigir”, porque a professora explicou assim, e que eu não sei de nada. Ainda hoje é assim. As lições de casa sempre são um bom motivo de brigas entre nós. Chego a imaginar o inverso: meus alunos e suas mães, ou pais nesta mesma situação. Por isso tomo o máximo de cuidado na explicação das tarefas, bem como em mandar sempre tarefas que as crianças são capazes de fazer, como fixação de conteúdo.

Cheguei mesmo a cogitar levá-la comigo para estudar na minha classe, como minha aluna, mas a postura crítica dela, uma hora ou outra iria se chocar comigo na sala de aula. O que não seria nada bom no meu caso, a professora da turma, ter uma aluna que tudo contesta, tudo quer saber o motivo, apenas para me testar, e que possivelmente se rebelaria contra mim. Então, prefiro deixar esta parte de formação escolar para outra professora, que possui meu total apoio em todas as ocasiões necessárias, pois sei que minha filha não é fácil, tem suas dificuldades, é teimosa, e muito crítica, pois essa mesma formação crítica e consciente é um dos objetivos do colégio onde está já há seis anos.

Este ano, ela está com uma professora excelente, que sigo como exemplo, pois tanto sua postura como educadora, sua formação sólida e experiência, traduz toda a mudança que ocorreu com minha filha do ano passado para cá. Essa confiança não significa que eu largo minha filha nas mãos dela, pois faço a minha parte sim, mas tenho com ela um diálogo de professora para professora e de mãe para professora quando o assunto é escola.

Quando digo seguir a professora deste ano como exemplo, é porque ela foi nossa Secretária da Educação numa época anterior, quando seu irmão era prefeito em minha cidade, e fez muitas melhorias em relação à Educação, tanto na Infantil como no Ensino Fundamental ou na Educação de Jovens e Adultos. Sua equipe não era nem a sombra da nossa equipe hoje, aliás, foi naquela gestão que iniciaram as

discussões e o processo de municipalização em minha cidade. Fora isso, ainda, ao trabalhar numa escola particular, muitos professores trocam a medida do cuidado, do afeto das crianças, pela medida do bolso dos pais de alunos, dando mais ênfase à questão financeira, felizmente, na sala de aula de minha filha, isso não acontece, e sinto que todos têm a mesma chance de aprendizado, e sua relação entre as crianças é muito próxima do que eu acredito, pois ela não mede esforços para ensinar as crianças que precisam de um tempo maior para percorrer o caminho do aprendizado, como é o caso da minha filha.

Hoje, quando estou escrevendo este TCC, ela está na terceira série, e apesar de não tê-la acompanhado mais de perto, “de lupa”, vejo que o saldo foi mais positivo que negativo.

Está sendo uma criança normal, feliz, sabe que precisa se esforçar mais, estudando com mais afinco, e a casa não cai quando a nota vem menor. Aliás, muito de minha filha entendi e interferiu nesse meu processo de formação. Aprendi que nunca se deve comparar uma criança a outra, pois cada um é único.

O Eu- mãe sofria por não poder dar muita atenção a minha filha tanto em casa, como nas atividades extra e escolares, apesar de não ter faltado em nenhuma reunião.

O Eu- professora passou a ver os pais de alunos com mais paciência, tornou-se mais flexível a horários para melhor atendê-los e passou a ser mais aberta aos diálogos, mesmo aos não referentes à educação em sala de aula, pois existe uma necessidade de saber ouvir para entender as dinâmicas que existem na casa dos alunos, que são pistas, quando não soluções para problemas de atraso na compreensão de conteúdos, deixar de fazer as tarefas, indisciplina, quando há desajuste de casais, e assim por diante.

O Eu- mãe queria sempre dez para sua filha nas atividades escolares e avaliações propostas nos bimestres... mas na verdade não sabia quais critérios pesavam mais na nota final. Ela não faltava, participava bem de todas as atividades...Quando a filha surgia cabisbaixa, mudando de assunto, disfarçando para o baque final, a mãe se surpreendia, com a frase final da filha “Eu fiz o possível e o impossível tá, mãe! Mas vira e mexe eu me pegava comparando minha filha com

minha sobrinha, super “Caxias” que é perfeccionista e têm até agora, tirado sempre dez. Um dia, o pediatra da minha filha mandou que eu parasse de fazer essas comparações, pois nada nelas era igual, desde a genética, bem como a condição social, histórica, mas que ele não conhecia uma criança mais feliz do que minha filha, que aproveitava o “tempo de ser criança”. Afinal, ela não era irresponsável, apenas não achava importante ser dez em tudo.

O Eu-professora sempre levantava critérios para as notas, levava em conta a organização dos cadernos, as tarefas de casa, a participação nas aulas, as atividades da sala de aula, a nota da prova (que diga-se de passagem não era o mais importante, pois as crianças sempre me surpreendiam mais em outras atividades mais livres onde fazia minhas observações e sondagens) ,o que não ocorria na escola de minha filha, onde o que prevalecia mais era a nota das provas.

O Eu-mãe ficava sempre nas reuniões de sua filha mais ouvindo do que reclamavam outras mães, pois percebia aos poucos que na classe de sua filha, havia crianças com mais dificuldades e não iam nada bem nas notas. Mas sempre queria ouvir da professora um elogio que fosse, pois minha filha era parte integrante daquela turma toda.

O Eu- professora buscava melhorar sempre as reuniões de pais, buscava textos que acolhessem os pais em sua difícil tarefa de co-educadores, e tratava sempre de ter à mão tanto o elogio, para depois, dar a bronca. E sempre se propunha a ouvir em separado casos especiais que constrangeriam os pais envolvidos. Saber ouvir e saber calar, bem como, esperar a vez para falar e perguntar. É o que espero dos pais de alunos.

O Eu-mãe às vezes comete atrocidades, faz terrorismo com sua filha, promete castigos, faz chantagens para obter as lições no prazo certo, a mochila arrumada, a roupa no lugar certo, as lições e a letra mais caprichadas, mas no fim sabe que seus alunos a obedecem mais em sala de aula. Será que o mesmo não ocorre nas casas de seus alunos, onde o Eu-mãe é derrotada pela professora ?

O Eu-professora pede as lições de casa bem feitas, as dúvidas são tiradas no momento em que aparecem, evita mandar tarefas que os alunos não sabem resolver, bem como às vezes, propõe alguns desafios para casa.

O Eu-mãe sofre quando tem tarefas para casa, porque sua filha não quer correção, e sim ajuda neste fazer, mas na verdade ela quer é tudo pronto, enquanto a mãe espera tudo bem feito, porque ela esquece que é a mãe e não a professora. No fundo passa pela minha cabeça que a professora nunca esquece que a profissão daquela mãe é professora... E sei que santo de casa não faz milagres... quando a filha é teimosa, não aceita quando a mãe diz que a conta não está certa, que a palavra está errada, e assim a tarefa acaba sendo a parte mais difícil do eu-mãe como mãe-professora. E aquela célebre frase: "A minha professora não ensinou desse jeito! Então deixa como está e amanhã faz com ela! É a resposta desapontada da mãe-professora".

O Eu-professora aceita com mais cautela algumas vezes em que seus alunos não fazem os deveres, salvo aqueles muito fáceis que são apenas continuidade das atividades de classe. Mas fica furiosa quando quem faz a lição é a mão da mãe ou a do pai. Isso jamais aceitarei. Aceita quando os pais dizem que a criança não aceitou a maneira de explicar, porque a professora não faz assim...

A mãe-professora sofre para acordar a filha para ir à escola de manhã. Chega ela atrasada quase todos os dias no ponto da carona, mas a filha sempre vai à escola. Apesar das brigas que tornam as manhãs "sensacionais"... ,a mãe professora esquece de tudo isso, do caos de acordar o autômato, da briga para que ela carregue a mochila da filha na hora de ir ao colégio e está sempre alegre para abrir mais um dia de aula.

A professora-mãe pergunta para o aluno, porque você faltou ontem? E quando o aluno responde que perdeu hora, ela sempre diz, se der venha atrasado mesmo, que eu aceito você na classe. Sabe das dificuldades e barreiras de se acordar cedo...

O Eu-mãe sabe que as notas melhores da sua filha são: educação física, educação artística, aula de canto e teatro, bem como outras que envolvam a desenvoltura, a expressão livre ao invés daquelas atividades que requerem muito raciocínio.

O Eu-professora tenta puxar seus alunos através da motivação tornando suas aulas que necessitam de mais raciocínio algo recheado de jogos, desafios, que

misturem a livre expressão e soltem as amarras que tolhem o pensamento de seus alunos.

Quando, parei e me coloquei no lugar de minha filha, me senti muito intransigente, pois eu não sou igual a sua professora, temos papéis distintos, trabalhamos numa escola diferente, ela numa escola particular e eu numa escola pública, o que acarreta muitas mudanças de autonomia, de tomadas de decisão. Mas em uma coisa somos iguais, ambas queremos um ensino de qualidade e esperamos um retorno por parte dos alunos. A mãe, pagadora, acha que merece boas notas. A professora, quer notas boas porque quer a certeza de que ensina bem.

Enfim, existe um espelho interior, que me faz refletir que este lado mãe afeta aquele lado professora e vice-versa. Por isso deixei de lado aquela idéia de tornar minha filha a filha-aluna e aluna-filha. Não haveria tempo de paz, apenas discussões e mais distanciamento que a troca de papéis causaria em nosso relacionamento afetivo.

Na maioria das vezes, percebo que o ponto onde minha filha ia sofrendo mais, era o ponto em que eu ia arrumando minhas práticas e assim meus alunos iam sendo mais felizes do que ela .

Na minha formação, aproveitava esses e outros exemplos para melhor detalhar as situações em sala de aula. Tinha minha filha sempre como exemplo para ilustrar as situações, para fazer comparações.

Quantas vezes ela não foi objeto de meus estudos em sala de aula. Muito perguntei a ela: Letícia, como foi que você aprendeu a ler mesmo? Qual foi a mudança que ocorreu em sua vida após aprender a ler? Como você começou a gostar de matemática, por que você gosta mais de répteis que de mamíferos? E assim vou aprendendo com minha filha muitas nuances desta profissão e do ser mãe, e mãe- professora.

Fora isso quanta expectativa de êxito na finalização do curso.

Que orgulho ver terminada uma etapa, se bem que na verdade, estamos programando uma nova aventura, já na lista de espera... Pois professor é um

sonhador, nunca pára, mal terminou uma experiência, a aventura de saber mais, vai conquistando e minando suas negações para daqui a algum tempo, ou semestre, estar novamente pensando na sua formação contínua.

5. Outras reflexões da profissão professor

Talvez este curso de pedagogia fosse diferente no sentido de não causar muitas mudanças se o tivesse feito anos atrás, quando não tinha experiência nenhuma em sala de aula, ou se fosse mais jovem, recém formada em magistério, pois a experiência que a maturidade me trouxe, possibilita ver de forma mais política e crítica, minhas posturas perante a educação, tanto como mãe de aluna, profissional da rede pública de ensino, ou como aluna deste curso de graduação no período noturno.

Toda vez que reflito, uma das situações que primeiro me vêm à mente é a nossa situação de professoras/professores da rede pública municipal de minha cidade, Salto: desvalorizadas, com baixa remuneração, numa falsa política de democracia. A valorização do professor, é algo muito prometida, mas que nenhum governante nestes 12 anos de política tem feito. Apesar de prometerem, sempre acaba nas intenções. Mas apesar de insatisfeitos, a educação vai bem, caminha, pois toda a equipe tem consciência do valor da formação que passa para seus alunos. E isso vale a pena.

Valorizar o professor é cuidar dos determinantes que, segundo Silva (1993, p.57) são o salário, a formação, as múltiplas funções, a burocracia escolar, o currículo, os especialistas, a atualização, as ideologias.

Estes determinantes agem sobre o professor que por sua vez tem com os alunos uma relação pedagógica.

Se a sociedade quer um ensino de qualidade terá de assumir que isso implica um professor mais bem qualificado e remunerado. Tantas exigências para que este se envolva e se responsabilize cada vez mais pelo processo de ensino-aprendizagem, atenta para o fato de que há no mercado muitas outras oportunidades de trabalho muito mais bem pagas que a de professor, do mesmo modo que em outras regiões e cidades os mesmos profissionais, com até menos.

Eu sou da cidade de Salto, da rede municipal; quando era da Rede Estadual, como ACT (admitido em caráter temporário), meu salário era maior, mas trabalho

tanto quanto antes para ter uma remuneração menor. Foi uma opção particular, é verdade, porque as aulas na rede estadual estão cada vez mais difíceis e a faculdade tornou difícil a participação nos HTPCs (Horas de trabalho pedagógico coletivo) a qual éramos obrigadas a participar. Quando conheci a realidade das outras amigas de curso, tão profissionais quanto eu, na mesma forma de atuação e ouvi delas o salário, não acreditava que recebia quase um quarto do salário delas. Era humilhante quando perguntavam nossa remuneração, assim como nosso professor Dr. Zacarias Pereira Borges, no final do curso, achou um absurdo uma rede querer ter bons profissionais com a renda que lhes paga. Vivemos numa sociedade capitalista, onde o salário é a base da sobrevivência e da possibilidade de investimentos na própria pessoa. Acabamos nos sentindo exploradas devido a baixa remuneração que nos é paga pela Prefeitura Municipal, através de sua Secretaria da Educação.

Essa má remuneração afeta a estrutura e a qualidade do ensino, o que leva muitas professoras a dobrar períodos, para melhorar a renda mensal. Assim, o professor não consegue atender as necessidades básicas de cada unidade escolar, ele se esforça, mas na verdade, não consegue dar conta de tantas atribuições. Não compramos nem o suficiente para nossa sobrevivência, sempre deixando para quando der, que dirá de comprar livros e outros materiais de apoio...Ainda há aquela história de que o professor deveria ser informatizado, ter seu próprio computador e acesso a rede através da Internet.

A verdade é que muitos profissionais vão para outras cidades devido condições salariais mais justas e por ver seu trabalho melhor gratificado, o que torna a rede cada vez mais fraca de profissionais experientes e competentes, acabando assim, com a memória e com a identidade criada quando não oferece recursos que segurem seus profissionais.

Hoje vivemos num impasse. O professor, para fazer o que se espera dele, precisa ganhar mais e ter condições de trabalho adequadas. Assim, salário e valorização andam de mãos dadas. É preciso que a sociedade tome consciência de que ele é um profissional indispensável, com um nível de qualificação superior ao que lhe é atribuído. Se os dirigentes, responsáveis pela educação, e a sociedade

quer uma escola de qualidade – e hoje vemos cada vez mais críticas em torno da educação, isso demonstra que os pais querem sim, um ensino de qualidade para seus filhos –vão ter de assumir que isso requer um perfil de professor diferente daquele que lhe vinha sendo proposto, o que requer um salário bastante diferenciado.

A luta pela valorização do professor implica na melhoria da sociedade, que dela depende para avançar em todas as áreas do conhecimento e progresso.

Apesar de nossa remuneração “minguada” aqui na rede, temos profissionais de excelente qualidade, mas queremos aumentar essa rede, somos profissionais que migram devido à necessidade de um emprego fixo, assegurada por concurso público, para não correr o risco de estar à deriva no início do ano, quando muitos professores, apesar de seu tempo de serviço ser superior a 10,12 anos na rede estadual, demoram para pegar nova sala de aula. Por isso, levamos conosco além de nossa qualificação, a exigência do profissional educador do sistema público, que é o compromisso com as crianças que freqüentam a escola pública – um compromisso político com uma parcela da população que, excluída da escola, tem ainda as chances de exclusão fora delas cada dia mais aumentadas, devido as políticas públicas vigentes.

Quanto à formação, são muitas professoras que hoje estão fazendo seus cursos apenas para satisfazer uma mudança instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) número 9394/96 que determina a formação superior para professores das séries iniciais do ensino fundamental e estabelece um prazo de dez anos para que os professores em exercício, ainda não graduados, possam adequar-se às novas exigências (artigos 61 a 67 e 87).

Essa foi uma das principais razões de ter iniciado, e estar terminando este Curso de Formação para Professores em Exercício. O diferencial é estar saindo de uma das Universidades mais concorridas do País, a UNICAMP, que reconheceu a importância dos termos dos artigos 61 a 67 da LDB e em virtude da crescente solicitação de professores propôs o Programa Especial de Formação de Professores em Exercício – Curso de Pedagogia .

Na verdade, antes de prestar o vestibular deste curso, já havia por três vezes, tentado o acesso ao curso de pedagogia comum, mas como não consegui, esperava por uma oportunidade que só o vestibular do curso de formação de professores em exercício era capaz de prover, devido a formação que possuía, a minha experiência, enfim, uma prova que me seria mais propícia ao sucesso, e caso neste não fosse bem sucedida, trataria de procurar uma nova profissão.

Mas em contrapartida, vejo muitas professoras se formando apenas para obedecer este artigo da LDB, não se importando com a qualidade do curso, apenas com a garantia que um diploma lhe confere. Por isso vemos um mercado de trabalho repleto de profissionais que necessitam se reciclar, se capacitar constantemente.

O mesmo acontece ao “depois” da graduação, muitos professores preferem fazer aqueles cursos pagos, perto de casa, ou não presenciais, para conseguir seu ponto, aumentando assim sua pontuação na hora de escolher classe. Esse desnivelamento de cursos é um dos fatores responsáveis pela heterogeneidade de profissionais no ramo da educação. Lutamos tanto para a qualidade de ensino de nossos alunos, mas às vezes isso não é levado em conta quando se trata dos próprios agentes responsáveis pela educação, “NÓS”. Talvez porque isso seja questão individual e da consciência particular de cada um. Tem a ver mais com sua formação do que com sua prática, pois não tenho a intenção de parar por aqui, quero tentar vôos maiores.

Precisamos parar de pensar apenas no nosso bolso e investir, lutando ao pedir bolsas de estudo, auxílio de custo, por quê não? Se essa especialização, mestrado ou pós-graduação será revertido para a educação neste mesmo sistema? Quem senão nossos pagadores, mau-pagadores, por sinal, deverão ser os primeiros a dar condições para que seu profissional se especialize. Mas em via de regra, sabemos que quanto mais qualificação precisamos ter, mais obstáculos teremos para superar.

Segundo Silva (1993) ser professor é assumir um compromisso com o conhecimento, com a cultura elaborada, transformando-se “ad eternum” nos diálogos travados com as novas gerações. Por outro lado, a atualização coloca-se como uma

necessidade ainda maior, sem o que a escola corre o risco de ficar fora de seu tempo.

Para o professor, é muito mais que uma necessidade, estando ele como mediador das relações que ocorre no âmbito escolar, esse compromisso com o conhecimento, o qual, sem dúvida nenhuma, deve ser sempre atualizado, pois a velocidade com que a tecnologia tem aumentado os saberes, as formas de se chegar ao conhecimento também fica desfavorecida, necessitando buscar as novas competências e habilidades educacionais a serem exploradas.

O conhecimento de novos pensadores em educação também foi uma marca destes anos, bem como o declínio de muitos. Lembro que na época do magistério estavam em evidência Jean Piaget, Freinet, Maria Montessori, Paulo Freire, entre muitos outros, que não entrarei em minúcias, por não se tratarem de assunto central em meu memorial, apesar de sua importância.

Na faculdade, cada professor, a seu modo, fala do seu autor preferido e faz com que nos aproximemos mais de seus pontos de vista, melhorando nossa qualidade profissional. Assim como muitas leituras foram feitas novamente, aprimorando nosso conhecimento através desta leitura posterior, aguçando descobertas que descortinadas e orientadas pela visão passada pelo mestre, ao passar suas experiências e explicar o que ficou mal entendido, passa a organizar melhor nossas idéias, ponto de onde passamos a colocar em prática novas maneiras de levar o conhecimento a nossos alunos, amadurecendo nosso potencial educacional. Para encerrar essa idéia, apego-me à seguinte colocação do autor de que trato neste memorial:

“O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.” (Vygotsky, 1987:101)

No último semestre do Curso conheci a professora Dr^a Ana Luiza B. Smolka e tive o prazer de tê-la como minha orientadora no TCC I. Um dos aspectos referentes à minha tão sonhada “formação acadêmica” era que apesar de estar finalizando o

curso de Pedagogia, continuava ainda como sempre, preocupada por não haver uma teoria que realmente embasasse minha forma de atuação, não sabia responder com clareza se era construtivista, ou era tradicionalista, mas não haveria um outro termo que respondesse a essas indagações constantes? Uma outra teoria mais próxima e que aproximasse mais o professor do aluno, para que um intervisse nas ações do outro, chegando a um resultado menos mecânico e previsível?

Havia sim, e pude perceber com que autoridade no assunto a mestra falava de Vygotsky. Aí então pude perceber quanto de Vygotsky eu tinha presente nas minhas práticas. Inclusive a forma como Ana Luiza dividia seus conhecimentos era algo fantástico e foi impossível não me apaixonar e aproximar-me de seus conceitos e teorias, vendo-os surtirem efeitos na prática, a partir do momento em que comecei a confrontá-los e aplicá-los na minha prática pedagógica.. Com essas e outras descobertas feitas, surge então uma professora melhor preparada, mais qualificada e que a cada dia, sente melhoras na sua sala de aula, na sua prática e fortalece-se com pequenas vitórias. De repente, fui percebendo que valera a pena percorrer esta jornada que pôs em movimento vários processos que fervilhavam dentro de mim, e que, a partir do aprendizado organizado nas teorias de Vygotsky onde passei a me ancorar, e que tão bem foi ensinado por Ana Luiza, repensei meus modos de ensinar e melhorei minha atuação e minha prática pedagógica.

Eu não era a professora que sou hoje, muitos de meus conceitos como disciplina, correção, avaliação, motivação, intervenção foram reconceituados e melhorados com Vygotsky e com tudo que se passava a minha volta, os seminários, as trocas de experiência, os conteúdos das disciplinas, as leituras, as pesquisas, enfim, um todo (contexto) que ao mesmo tempo nos desesperava, por medo de não dar conta, satisfazia as nossas expectativas.

É por tudo isso que falar de Vygotsky é algo muito próximo a falar de meu amadurecimento como profissional, e é um tema que muito me dá prazer. Aproximei-me muito mais de meus alunos, e entre nós há uma cumplicidade em ajudar o outro a alcançar a próxima etapa. Dessa forma ficou mais fácil trabalhar as diferenças e dificuldades próprios de toda turma.

Aquela minha preocupação inicial em ter uma teoria que me desse suporte, que desse um embasamento à prática, enriqueceu-se então não tanto da perspectiva piagetiana como comumente via, mas sobretudo da sociointeracionista de Vygotsky, onde fiz ancoragem de meu trabalho pedagógico porque as preocupações pedagógicas estão centradas basicamente no ensino e aprendizagem e o papel do professor se torna mais complexo e relevante. Ao professor cabe a tarefa de mediador, levar a criança a pensar, questionar, ler, despertar nela o prazer em aprender coisas. A metodologia utilizada pelo professor vai nortear e orientar a atividade mental do aluno, passando a priorizar o próprio processo, pelas trocas, pela interação. Aquele grande desejo de se tornar cada dia uma professora melhor, mais competente, vai buscando em outras vozes, em outros autores mais conhecidos um mesmo eco, um mesmo refrão e nesse ponto, não se sente mais sozinha, destaco a seguir uma citação que me acompanha como se fosse uma reza para iniciar mais um dia:

“Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da cultura e da história de seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles, mais do que adivinham, realizam.” (Paulo Freire)

Na Faculdade de Educação e presente nas falas de muitos educadores, inclusive nas aulas do professor Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, vimos muitas leituras a respeito de Paulo Freire. Muito tempo após estas leituras, sempre retomando algumas leituras, em busca de novas amarras para me ancorar, o que hoje ocorre quando os autores apresentam pontos em comum, com a experiência que vou adquirindo e através do conhecimento que vou adquirindo crio uma ponte de semelhanças entre esses dois autores, Vygotsky e Paulo Freire, nessa urgência que se apresenta quando falam do ato mecânico de ler e escrever.

Na verdade, quando fiz a disciplina do professor Sérgio Leite, ao ler pela primeira vez Vygotsky, em “A pré-história da linguagem escrita”, não fiquei assim curiosa em me aprofundar mais nestas leituras, nem em conhecer melhor Vygotsky. Nessa época, não estava tão preocupada com a alfabetização, como hoje estou.

Pois nesta época minhas salas de aula tinham outras prioridades, eram em geral de terceiras ou quartas séries. E achava também, que o que eu fazia em termos de alfabetização era o suficiente para suprir as necessidades dos alunos. Até que, em 2003, ao ingressar na Rede Municipal de Ensino, assumi uma sala de primeira série, que me fez sentir a necessidade de me aprofundar muito mais nesta área.

Apesar disso sempre deu “nó” na minha cabeça o fato de ter que trabalhar com turmas multisseriadas dentro de uma mesma série, ou seja, numa segunda série, ter de iniciar todo o processo de alfabetizar aquele aluno que sequer conhecia as vogais ou consoantes, ou dar condições mínimas àquela criança que não consegue nem traçar um risco ou usar a tesoura em movimentos para recortar ou dar a motricidade que lhe permita o fazer com mais facilidade, ou dar continuidade à alfabetização já iniciada no ano anterior com sucesso.

Nesse ponto é importante frisar a negação que o sistema de ensino causou quando criou a progressão continuada, abolindo a repetência, acabando com o compromisso e com a qualidade no ensino, e no meu caso atuando na rede pública municipal, vendo cada vez mais alunos superlotando as salas de aula, dando uma valorização à quantidade em detrimento da qualidade do ensino.

Quando o aluno chega até o professor, chega o produto. E é desse produto que o professor tem que tirar a matéria-prima para dar novo aprimoramento. Era pedra bruta, lapidada vira diamante... tudo depende do professor saber chegar no aluno.

Muito ouvia falar da “educação bancária” e tratar da leitura do mundo, foi uma introdução à trajetória das proposições teóricas a respeito do ato pedagógico, onde o trabalho de Paulo Freire, contradizendo os atos mecânicos e projetando levar a termo uma alfabetização diretamente ligada à democratização da cultura, desenvolveu uma metodologia instrumental para o educando, e não somente para o educador, identificando o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem.

Para Paulo Freire, a educação é uma atividade onde, professor e alunos, extraem da realidade os conteúdos da aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa realidade, a fim de nela atuarem, transformando-a, primeiramente

dentro da própria sala de aula, com o professor por meio de sua participação no processo de ensino como um todo (planejamento, avaliação) e com o aluno, no sentido de torná-lo consciente da sua realidade e da sua capacidade de ser um sujeito atuante e participante.

A metodologia desenvolvida por Paulo Freire privilegia o diálogo, pois ele engaja, ativamente, os sujeitos do ato de conhecer: educando o educador, apesar das formulações teóricas se restringirem à educação de adultos, tem exercido uma influência expressiva na prática pedagógica em todos os graus de ensino. Esse diálogo torna a interação um processo rico para que ocorra a intervenção pedagógica, que move os processos de ensino-aprendizagem.

Segundo esse mesmo autor, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura da palavra implica continuidade da leitura do mundo. Sendo a alfabetização um ato criador, e por isso de conhecimento, ela não é simplesmente o ensino puro da palavra, das sílabas, das letras, nem o “despejar” conhecimento nas cabeças supostamente vazias do aluno, mas um processo que tem, no alfabetizando, o seu próprio sujeito.

Na busca de várias respostas, encontrei em Vygotsky uma visão diferenciada no processo de desenvolvimento e aprendizagem, que mostra a necessidade do social, não desprezando o biológico existente no ser humano, mas atribui um papel importante ao social, que proporciona símbolos e instrumentos (que passam de geração a geração) auxiliares na relação do sujeito com o mundo e as maneiras de atuar nele, destacando o aprendizado no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Vygotsky tem como idéia fundamental que a aprendizagem da criança começa muito antes dela ir para a escola, na interação com o “outro”, no processo sócio-histórico-cultural, desde seu nascimento, onde aprendizagem e desenvolvimento estão interligados.

Eu usava cartilhas, hoje não uso mais. Prefiro construir a partir da história de meus alunos os textos que usamos. Antes de tudo, fazemos perguntas, pesquisamos com os pais de alunos, lemos as certidões de nascimento, buscamos juntos fazer a coleta de dados, para que tudo seja o mais real possível. A começar pelo conhecimento que o aluno traz de sua história de vida. Antes não era assim. Na

verdade, acho que a autonomia que tenho hoje é bem maior, incita a uma cobrança, tanto de cima pra baixo, como pelo meu ato de refletir mais. Hoje eu me exijo mais, cobro muito mais de minhas atitudes, meus atos e sou até mais flexível e paciente com meus alunos.

Será que estou no caminho certo? Será que o conteúdo está de acordo, apesar de minhas modificações? Pois hoje não sigo mais os livros de leitura que a Secretaria nos forneceu, achei-os muito fracos, difíceis de serem entendidos pelas crianças, um pouco fora da nossa realidade. Procuro mesclar com livros paradidáticos, através de projetos com o livro escolhido, busco discutir coletivamente um mesmo assunto, propondo uma teia de assuntos que se interliguem nas demais disciplinas. Mas não tiro os livros de circulação, uso-os para enriquecer momentos de pesquisa, leitura, dirigindo-os para atividades diferenciadas dos livros.

Madalena Freire, 1983 em seu livro "A paixão de conhecer o mundo" ao falar de registro, traz a seguinte citação: *"O que diferencia o homem do animal é o exercício do registro da memória humana"*.(Vygotsky)

E foi justamente através da releitura agora feita "debruçada no texto", de do livro "A paixão de conhecer o mundo" (1983), indicada como leitura obrigatória no Curso de Magistério, na disciplina de Didática, que tive o prazer de conhecer a sua forma de registrar, fazer seus relatórios que usa a memória não como função bancária, mas como fonte de informação que com frequência vem a ser modificada pela imaginação, fazendo uma inter-relação entre teoria e prática e para minha surpresa, trazia uma leitura agora muito conhecida para mim, a partir do momento em que trata de Vygotsky em muito de seus trabalhos.

Segundo Madalena Freire, mediados pelo registro, deixamos nossa marca no mundo. Há muitos tipos de registro, em linguagens verbais e não verbais. Todas, quando socializadas, historicam a existência social do indivíduo. Mediados por nossos registros, reflexões, tecemos o processo de apropriação de nossa história, a nível individual e coletivo. Mediados por nossos registros armazenamos informações da realidade, do objeto em estudo, para poder refleti-lo, pensá-lo e assim apreendê-lo, transformá-lo, construindo o conhecimento antes ignorado.

Esse exercício de fazer um memorial, tem muito a ver com esta maneira que Madalena Freire mostra quando trata de deixar marcas no mundo. São marcas de crescimento, que gritam bem lá no fundo nosso crescimento, nossas tomadas de posição, ousadas ou comedidas, ao tomar coragem e relatar fatos de nosso universo que o ser professor nos prestigia, tecendo segundo ela, o processo de apropriação da nossa história, a nível individual e coletivo. E é o que, segundo Vygotsky, nos diferencia do animal, ou seja, essa capacidade de fazer o registro.

A maneira de registrar as atividades, enriquece o meu trabalho em sala de aula.

No início, confesso, não gostava de escrever sobre minha prática, achava que ia me mostrar demais, e ficava aberta, vulnerável a muitas críticas que talvez não fossem construtivas.

E também a falta de tempo não oportunizava essas escritas. Mas quem vai ler minhas escritas? Coordenadoras, não tenho, outras professoras, não tem tempo. Sua utilidade maior é a consulta vez ou outra, de ano para ano, verificando novas práticas, a negação de outras, e também percebi que a importância do registro é que a memória dificilmente vai manter intactas ou sem perda de algumas impressões ou expressões os momentos onde o registro é mais descritivo, rico em detalhes, e repleto de minúcias que a memória com o tempo vai esquecendo ou apagando.

Assim como cada turma é única, e dura apenas um ano letivo, ou seja, duzentos dias apenas de conquistas e desafios, existe a necessidade de um portfólio anual, que é como um arquivo pessoal de cada classe, de cada professor daquela turma de alunos. Um álbum de recordações, ou uma colcha de retalhos, como os de nossas avós, pois aluno não é apenas um número na lista de chamada, é um sujeito muito importante que nos constrói, assusta, tira do sério, produz, a cada momento em sala de aula, nas viagens que juntos fazemos buscando ultrapassar esta ponte entre o conhecimento e o aprendizado.

Gratificante é ver que o aluno aprendeu e aplica os conceitos no dia a dia, transferindo a aprendizagem nas situações problemas que lhes propomos.

Errar é prática comum em várias situações diárias, seja conosco, com as crianças, então, quem não está propenso ao erro em nossa sociedade? Para tanto,

esta citação serve de alegoria *“Todo lugar precisa ter gente que erra, não tem medo de errar, e aprende com o erro”* (autor desconhecido).

Hoje na minha sala, ninguém “erra”, porque quem erra refaz sua trajetória, sozinho ou comigo ou com o amigo buscando o que o fez errar para daquele momento, retomar e chegar no acerto. A partir do momento em que erra, corrige para acertar. Não importa o tempo que dure, importa a satisfação de que chegou lá. Foi capaz. Novamente retomo a falar de Vygotsky, onde o erro construtivo é presente na zona de desenvolvimento proximal.

Com o conhecimento dos estudos da zona de desenvolvimento proximal fazemos uma reflexão mais detalhada deste processo, onde os conceitos de certo e errado desaparecem, dando lugar ao desafio e à interação dos pares em sala de aula.

Ao decidir tratar de Vygotsky no Trabalho de Conclusão de Curso, outras leituras foram sendo trazidas para enriquecer cada vez mais minha prática pedagógica e o trabalho em si. No livro *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (1992), no capítulo “Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na idade escolar” o autor toma como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar, ela nunca parte do zero, ou seja, toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.

Em casa, em convivência com adultos, a criança passa por um processo de aprendizagem produzida através do adestramento que faz ao passar a conduta nas suas ações, e adquire hábitos; e também ao fazer perguntas e receber respostas, a criança adquire informações dadas pelos adultos, aprende nomes de objetos que a rodeiam. Isso prova que aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias da vida da criança.

Com o auxílio da imitação na atividade coletiva guiada pelos adultos, a criança pode fazer muito mais do que com a sua capacidade de compreensão de modo independente. A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança.

Um outro conceito chamado de zona de desenvolvimento potencial é apresentado, como tudo que uma criança é capaz de fazer com o auxílio dos adultos. Essa área de desenvolvimento potencial permite determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação.

O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. Sozinha a criança atrasada ou abandonada num canto qualquer não atinge formas de evoluir seu pensamento abstrato, estando aí uma tarefa concreta da escola: fazer todos os esforços para encaminhar a criança para esse desenvolvimento mental.

É na escola, que a aprendizagem faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com os outros, que, na continuação, são absorvidos pelo curso interior do desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança. A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia ocorrer sem a aprendizagem.

A teoria do âmbito de desenvolvimento potencial origina uma fórmula que contradiz exatamente a orientação tradicional: o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento.

A aprendizagem escolar orienta e estimula processos internos de desenvolvimento. A tarefa real de uma análise do processo educativo consiste em descobrir o aparecimento e o desaparecimento dessas linhas internas de desenvolvimento no momento em que se verificam, durante a aprendizagem escolar. Esta hipótese pressupõe necessariamente que o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial.

Aprendizagem e desenvolvimento da criança, ainda que diretamente ligados, nunca se produzem de modo simétrico e paralelo.

O desenvolvimento da criança não acompanha nunca a aprendizagem escolar, como uma sombra acompanha o objeto que a projeta. Os testes que comprovam os progressos escolares não podem, portanto, refletir o curso real do desenvolvimento da criança. Existe uma dependência recíproca, extremamente complexa e dinâmica, entre o processo de desenvolvimento e o da aprendizagem, dependência que não pode ser explicada por uma única fórmula especulativa apriorística.

Cada matéria escolar tem uma relação própria com o curso do desenvolvimento da criança, relação que muda com a passagem de uma etapa para outra. Isto obriga a reexaminar todo o processo das disciplinas formais, ou seja, do papel e da importância de cada matéria no posterior desenvolvimento psicointelectual geral da criança. Semelhante questão não pode esquematizar-se numa fórmula única, mas permite compreender melhor quão vastos são os objetivos de uma pesquisa experimental extensiva e variada.

A idéia de nível de desenvolvimento potencial capta então, um momento do desenvolvimento que caracteriza não as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individual.

Essa idéia é fundamental na teoria de Vygotsky porque ele atribuiu importância extrema à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico e individual.

O autor faz referências maiores sobre a zona de desenvolvimento potencial, tão necessários para um possível entendimento sobre as demais zonas de desenvolvimento, tratadas com mais ênfase no livro citado anteriormente.

As leituras de Vygotsky proporcionaram-me refletir sobre minha atuação docente. Com a leitura de outros autores sobre referentes ao assunto tratado neste memorial, deparei-me com a busca que outros profissionais também fizeram e, como

eu, encontraram o suporte teórico que fundamenta a prática pedagógica. Trago como exemplo, uma citação em que pude me identificar: Margarida dos Santos relata no livro *Como me fiz professora*, organizado por Vasconcelos (2000, p.75)

“Na tentativa de compreendermos o complexo processo de alfabetização das crianças das classes populares, entramos em contato com a teoria vygotskyana. A partir desta teoria, começamos a redefinir o nosso papel e responsabilidade de ensinantes. Com base nas novas descobertas, começamos a recuperar o papel do professor e a importância de sua interferência no processo de construção do conhecimento da criança”.

Toda essa minha trajetória, narrada nesse memorial, tem muito a ver com esta volta ao passado da professora Margarida. Enquanto alfabetizava, faltava aquele embasamento que me fizesse chegar naqueles alunos com um “atraso” no aprendizado. Erroneamente, usava termos como dificuldades de aprendizagem, aceitava quando a criança era considerada hiperativa, com defasagens e outras denominações tão comumente usadas, mas que apenas mascaram uma situação que tem, na teoria vygotskyana um caminho bem delineado para alcançar melhores resultados, que hoje percebo na minha prática de ser professora.

E também quando a mesma professora ao final de seu relato, coloca que outra educadora a ajudou a perder o medo de escrever, passando ela também a viver na prática o conceito de zona de desenvolvimento proximal, fazendo na véspera, ajudada, o que no dia seguinte, faria sozinha.

Quantas de nós, professoras também estamos neste mesmo percurso, sendo ajudadas por pessoas competentes como são nossos orientadores, seja para o TCC final, sejam os professores mestres, doutores, da Faculdade de Educação, ou até mesmo nossas coordenadoras pedagógicas a nível de rede, ou as colaboradoras, amigas e professoras como nós. Mas temos que descobrir urgente em qual nível de desenvolvimento nos encontramos. Se no real ou no potencial, para darmos continuidade a nossos estudos, nossas pesquisas que estão longe de estar no seu produto final.

6. O que eu aprendo desta minha escrita?

*Para você me educar
 Você precisa me conhecer, precisa saber de minha vida,
 Meu modo de sobreviver; conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio
 E as quais me agarro
 Nos momentos de solidão, desespero, sofrimento.
 Preciso saber e entender as verdades, as pessoas e fatos
 Aos quais me entrego quando preciso ir além de mim mesmo.*

*Para você me educar
 Precisa me encontrar lá onde eu existo, quer dizer,
 No coração das coisas, nos mitos e nas lendas,
 Nas cores e movimentos, nas formas originais e fantásticas,
 Na Terra, nas estrelas, nas forças dos astros,
 Do sol e da chuva.*

*Para você me educar
 Você precisa estar comigo onde eu estou,
 Mesmo que você venha de longe e que esteja muito adiante.
 Só há adiante para mim: aquele que construo e conquisto.
 Só há uma forma de construí-lo: a partir de mim mesmo
 E do meio em que vivo.*

*Para você me educar
 Precisa compreender a cultura do contexto
 Em que se dá meu crescimento.
 Pois suas linhas de força são as minhas energias.
 Suas crenças e expectativas são as que passam a construir
 O meu credo e minhas esperanças.
 Mas eu também estou aberto para as outras culturas.
 Identidade cultural não significa prisão ao espaço que ocupo,
 Vindo de fora, nos pode fazer mais nós mesmos.
 A cultura universal é produto de todos os homens.
 Mas como posso contribuir com essa fraternidade se não constitui
 O meu EU e não tenho minha expressão cultural própria?
 A educação que eu necessito é aquela que me faz mais eu,
 Que desperta, do mistério do meu ser, as potencialidades
 Adormecidas. E uma educação que promove minha identidade pessoal.
 Eu me educo fazendo cultura e neste ato de geração cultural
 Eu construo minha educação, conquisto o meu ser,
 Na relação dialógica HOMEM/NATUREZA.*

(Vital Didonet)

Talvez fechar o TCC com este maravilhoso poema bastasse, mas escrever fica tão gostoso, quando a gente se identifica com o assunto tratado, que vou continuar...

Desta minha escrita, a lição principal, é de que ainda não aprendi tudo, ou melhor, quase nada. Porque mesmo para os educadores, a lição nunca acaba, fica em aberto, pronto pra novos anexos, novas descobertas...Novos exercícios de “vir a ser”, mergulhadas “no senso comum”.

Se entrei esperando receitas de como educar, vou sair educando com outras receitas: receitas de melhor olhar o meu educando, melhor sentir as diferenças entre as crianças, melhor perceber as dificuldades entre eles, melhor me programar para atendê-los com mais zelo e preparação, ou seja, ter sempre a preocupação em fazer o melhor.

Em fazer o melhor, há a necessidade de deixar bem claro que é a busca para a educação de melhor qualidade, que mesmo inserida num órgão público, mal remunerada, diga-se de passagem, faço questão de fazer por eles o melhor que é feito numa instituição de ensino particular. E fico muito feliz quando pais de alunos me passam isso nas reuniões, quando comparam nossos cadernos, materiais didáticos, até mesmo o crescimento das crianças perante outras inseridas em outras escolas, seja estadual, particular ou outra da mesma rede que a nossa.

Quando digo em me tornar melhor em todas as áreas e potencias que se requer de um educador, quero fazê-lo não só na prática, na teoria, mas no sentimento, na afetividade, enxergar que no movimento das interações e intervenções, a mediação é parte de meu processo de educação, onde em muitos momentos, somos iguais e dividimos o mesmo espaço: a sala de aula.

Vou estar sempre olhando para as próximas classes, esperando sempre as desigualdades, as diferenças sociais, culturais, pois a heterogeneidade será sempre característica das escolas. E não mais motivo para sustos ou desencantos, pois vou estar mais preparada, apenas pelo fato de saber que essa heterogeneidade é característica onde o coletivo está inserido.

Vou tentar não errar nesta trajetória, mas se errar, que meu erro seja logo descoberto, para que eu também possa refazer o mesmo caminho que meus alunos,

e na certeza de meu acerto ter sempre um mestre a me aplaudir nesta conquista com um largo sorriso de quem diz: “Eu sabia que você estava se preparando para chegar, só precisava de alguém que entendesse seu tempo, preparasse seu terreno, te mostrasse uma pista, te desse mais chances de crescer de acordo com suas possibilidades, e ficasse a seu lado, oportunizando a chance de subir cada vez mais num crescer “coletivo”, eu, professora, na minha prática e você, meu aluno a superar suas diferenças na forma e no tempo de aprendizado.

EU, que pensei que a receita era fazer para você ver, que dar o modelo bastava. Tive que me “aprochegar” cada vez mais de você, te descobrindo de todas as formas, seus gostos, suas vontades, suas habilidades, suas dificuldades inclusive, para depois, reverter tudo isso num estudo meu, até que fui levando até você uma prática através dos conhecimentos que ainda estava descobrindo, “estudando” e “aprendendo” assim como você. Esses estudos estavam fervilhando dentro de mim, e nesses encontros e desencontros, ou encantos e desencantos, encurtei aquela ponte que leva o conhecimento até você e que me distanciava também de você.

Esse meu diálogo é para mostrar que partindo do percurso do erro, refiz caminhos, segui pelos mesmos atalhos que acabam levando ao erro e que antes acabava em fracasso; que hoje troco pela descoberta que possibilita a conquista de novos espaços dentro da sala de aula. E que vai continuar a me fazer procurar pesquisar cada vez mais e sempre tendo minha prática como ação para a reflexão.

Continuar os diálogos, tocar idéias, estar pronta para novas descobertas que as leituras e os estudos de Vygotsky com certeza me possibilitarão.

Ao finalizar, quero falar de Friederich Nietzsche, um famoso filósofo alemão do século passado, citado por Neidson Rodrigues na conclusão de seu livro “Lições do príncipe e outras lições” onde expõe sua crítica radical à civilização ocidental, dizendo que ela educa os homens para desenvolverem o instinto da tartaruga. Este é o instinto da tartaruga: defender-se, fechar-se no mundo, recolher-se para dentro de si mesma e, em consequência, nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar.

Precisamos assumir o desafio de educar o homem para desenvolver o instinto da águia. A águia é o animal que voa acima das montanhas, que desenvolve seus

sentidos e habilidades, que aguça ouvidos, olhos e competência para ultrapassar os perigos, alçando vôo acima deles. É capaz, também, de afiar as suas garras para atacar o inimigo, no momento que julgar mais oportuno.

Temos criado neste país, uma geração- tartaruga, uma geração medrosa, recolhida para dentro de si. E estamos todos impregnados por esse espírito de tartaruga. Não temos coragem para contestar nossos dirigentes, para nos opor às suas propostas e criar soluções alternativas,, Agimos apenas de maneira reativa, negativa, covarde.

Temos ensinado o homem a ser obediente, servil, pacífico, incompetente e a depositar todas as suas esperanças num poder maior ou no fim das tempestades.

Quando ensinaremos aos nossos alunos que eles não precisam se esconder diante das ameaças, porque todos nós temos capacidade de alçar vôo às alturas, ultrapassando as nuvens carregadas de tempestade e perigo?

Agora, peço licença ao autor, e vejo pelas mudanças em minha prática, que estou preparando para desenvolver em meus alunos o instinto que aprendi aqui na Universidade Estadual de Campinas, neste PEFOPEX: o espírito das águias, que me faz pensar em me atrever a vôos cada vez maiores...

7. Bibliografia

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- COMENIUS, J.A. **Didática Magna**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FREIRE, M. **A Paixão De Conhecer O Mundo: Relato de uma Professora**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1983.
- LEITE, S. A. da S. (org.). **Alfabetização e letramento: contribuição para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP, Komedi: Arte Escrita, 2001.
- COLL, C; MARTÍN,E.; MAURI,T.;MIRAS,M.;ONRUBIA, J.; SOLÉ,I.;ZABALA,A. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo, Ática: 1998.
- ROCHA, R. **O Rezinho Mandão**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1997.
- RODRIGUES, N. **Lições do Príncipe e outras lições: o intelectual, a política, a educação**. São Paulo, Cortez, 2001.
- SILVA, E.T. da. **Magistério e mediocridade**. São Paulo: Cortez, 1993.
- SMOLKA, A. L. B. **O trabalho pedagógico na diversidade (adversidade?) da sala de aula**.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2002.
- VASCONCELOS, G. A. N. (org.) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** . Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.